O levante do Brasil contra o golpe

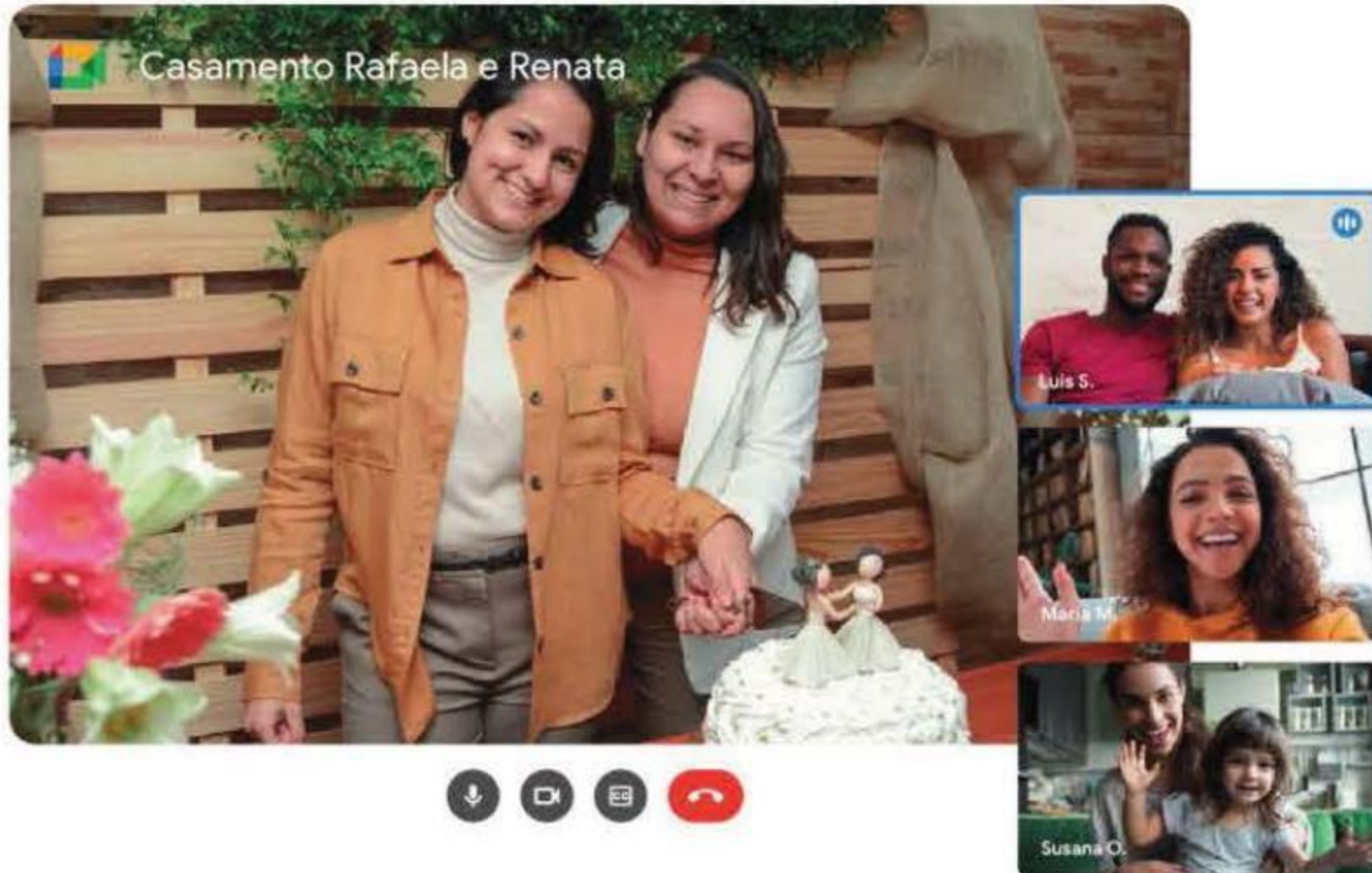
ISTOÉ

TRÊS

A DIGITAL DE FLÁVIO BOLSONARO

NO ESQUEMA PARALELO DAS VACINAS

Como o filho 01 do presidente Bolsonaro se envolveu na intermediação do imunizante Vaxxinity, que não tem aprovação da Anvisa e nem da FDA, a agência americana de medicamentos. E como o senador usou sua influência para viabilizar o produto no Ministério da Saúde e até em negociações com a Colômbia

Assim como o iFood coloca o coração em cada entrega

a família Linhares Oliveira alimenta o amor.

É assim que equipes (e casais) se conectam, criam e colaboram. De uma empresa atendendo pedidos de milhares de pessoas até o pedido de casamento para celebrar o amor. É por isso que 13 das 16 empresas unicórnio brasileiras usam o Google Workspace. **É assim que se faz.**

Saiba mais em **workspace.google.com**

ENTREVISTA

VENEZIANO VITAL DO RÊGO (MDB-PB)

Vice-presidente do Senado

"NÃO PODEMOS MINIMIZAR OS ATENTADOS À DEMOCRACIA"

REAÇÃO Vital do Rêgo: "Não podemos ficar de braços cruzados diante das ameaças de Bolsonaro às instituições"

Filho de políticos perseguidos durante a ditadura do regime militar de 1964 a 1985, o vice-presidente do Senado, Veneziano Vital do Rêgo (MDB-PB,) se diz preocupado com os lampejos autoritários revelados diuturnamente por Jair Bolsonaro. Por isso, tem se valido de sua posição à frente do Congresso para cobrar respostas mais firmes de parlamentares em relação aos ataques feitos pelo presidente ao regime democrático. "Nós precisamos mostrar a Bolsonaro que há muito mais gente contra do que a favor de uma ruptura institucional." Em entrevista à ISTOÉ, o senador afirmou que o ex-capitão provoca crises políticas como "cortina de fumaça" para tirar o foco dos problemas do País que o governo é incapaz de resolver. Alfinetou também o presidente da Câmara, Arthur Lira, que vem minimizando as ameaças de golpe promovidas pelo mandatário. "Esse processo de banalização pode nos levar a um momento em que não seja mais possível reagir. É arriscado desconsiderar essas ameaças à democracia. São investidas que fragilizam as instituições", afirmou o dirigente do Senado.

Por Ricardo Chapola

FOTOS: SERGIO DUTTI; MARCOS BRANDÃO/AGÊNCIA SENADO

Qual a opinião do senhor sobre as ameaças golpistas de Bolsonaro e a respeito do pedido de impeachment do ministro do STF, Alexandre de Moraes?

Não podemos minimizar esse tipo de discurso, nem o comportamento antidemocrático de Bolsonaro e seus apoiadores. Alguns podem até achar que seja só bravata. Mas existem outros, como eu, que são vigilantes na defesa da democracia. Esse tema é caro para mim, porque meu pai e meu avô foram vítimas do AI-5. Eles eram deputados e foram cassados. Temos que lutar pela defesa das instituições. O que lastimamos é ver que, desde o início, Bolsonaro conduz o País na direção contrária de tudo aquilo que é fundamentalmente necessário para que as nossas instituições permaneçam firmes. São provocações, são incitações quase que regulares do presidente, de ministros e das pessoas mais próximas a ele. Vejo isso como uma situação extremamente delicada. É algo atentatório. Não podemos minimizar nada disso.

> "Rodrigo Pacheco tem assumido o papel de fiador da normalidade democrática. Isso suga as energias do Congresso, que deveria estar concentrado para debater as reformas"

O senhor acredita que o presidente quer dar um golpe?

Eu lamento essas investidas de Bolsonaro. E não acredito nisso, porque não acho isso possível no contexto atual. O Brasil não é uma ilha separada do resto do mundo. Qualquer investida dessa natureza teria reações imediatas. Deflagraria um processo de resistência fora do País, inclusive. Não significa que o governo não pense em golpe. As tentativas estão presentes. São as falas do presidente. Mesmo que o plano não se concretize, o fato de ele expressar descrença e sugerir ruptura institucional faz com que a relação entre os poderes se fragilize. Nós não chegaremos ao ponto de ruptura, mas isso não significa dizer que a democracia não esteja sendo atacada.

Dá para garantir que essas ameaças ficarão só no discurso? O desfile de tanques não deve ser levado a sério?

Não acredito em coincidências. Bolsonaro fez aquilo com o objetivo de intimidar, mais uma vez, a Câmara dos Deputados que, naquele dia, estava discutindo a questão do voto impresso. Aliás, proposta que, a meu ver, também não passou de mais um instrumento usado por Bolsonaro para desviar as atenções. Resultado: o presidente fez aquela cena quixotesca, tosca, provocativa e ofensiva. E que diz muito a respeito daquilo que o presidente nutre em sua intimidade. O ponto é que isso se voltou contra ele, porque muita gente percebeu que tudo não passava de uma cortina de fumaça.

O senhor acha que ele faz isso intencionalmente?

Sim, isso tem um fundo estratégico por parte de Bolsonaro. Ele quer erguer um muro que não permita que as pessoas vejam os problemas reais e mais graves que estão acontecendo hoje no País. Problemas esses que são muitos e que deveriam ser enfrentados como prioridade pelo presidente. Questões não são resolvidas por incompetência ou por completo desapreço do presidente com demandas relacionadas, por exemplo, à pandemia. São problemas ambientais, com os quais Bolsonaro mostra não se importar. Os sociais, com o aumento da miséria. As projeções de aumento da inflação num momento de crise econômica. O aumento no preço dos combustíveis e a ausência de uma política no setor energético. São muitos problemas não resolvidos. Bolsonaro provoca deliberadamente esse processo de fragilização das relações institucionais, falando apenas com uma parcela reduzida da população. Enquanto o presidente volta seu discurso para essas pessoas, o restante do Brasil fica esquecido.

Por que o presidente age assim?

A popularidade dele está em queda vertiginosa. Diante disso, ele estimula essa parcela da população que o apóia a radicalizar. Ele diz que essas pessoas ensandecidas precisam estar prevenidas caso ele seja derrotado nas urnas e já começa a preparar uma narrativa para se contrapor a isso. É mais fácil dizer que o sistema eletrônico é falho e passível de fraude. É só mais uma cortina de fumaça.

É possivel frear Bolsonaro nessa escalada de ataques que ele faz à democracia?

Claro que é. Todos os dias a democracia tem sido atacada por atos de Bolsonaro. E não podemos ficar de braços cruzados. Essas ameaças impõem a todos a necessidade de defender a democracia, que é forte e inabalável. O nosso dever é rebater qualquer violência contra ela. As medidas que foram tomadas até agora de pouco adiantaram. Precisamos demonstrar uma reação forte e deixar claro que não permitiremos ataques à democracia. É papel do Poder Legislativo responder às insanidades do presidente. Não falo apenas como vice-presidente do Senado, mas também como cidadão. É um exercício >>

diário que temos de fazer. Vivemos num ambiente contaminado pelas ações inaceitáveis do mandatário. Nos últimos meses, o presidente do Congresso, Rodrigo Pacheco, tem assumido o papel de fiador da normalidade democrática. Isso suga as energias que deveriam ser concentradas para debater outras coisas, como a reforma tributária. A pauta de Bolsonaro é estabelecer sempre esse ambiente beligerante, de confronto e de animosidade.

O que o Senado poderia fazer para mudar o cenário de conflitos estabelecido por Bolsonaro?

Se o presidente não moderar o discurso, com certeza teremos que fazer algo mais. Bolsonaro precisa notar que existe muito mais gente contra do que a favor de uma ruptura institucional. Enquanto ele não tiver essa percepção, a tendência é de que continue a agir como está agindo. Não acho que faltaram respostas do Senado, mas entendo que é preciso reforçar que não aceitaremos um retrocesso político. Vamos mostrar a Bolsonaro que acima dos homens está a democracia. Acima de qualquer candidatura para 2022. Eles passarão e a democracia tem de continuar. Se nada for feito, estaremos num ambiente indesejável e de violência entre brasileiros.

O que achou das declarações de Arthur Lira segundo as quais as "cordas foram esticadas na realidade paralela"? É esse tipo de resposta que o Congresso tem que dar?

Respeito as opiniões dele. Mas não concordo. Isso que estamos vivendo hoje não é algo banal. Não dá para naturalizar isso. Esse processo de banalização pode nos levar a um momento em que não seja mais possível reagir a qualquer coisa. Não podemos tratar isso como simples bravatas jogadas ao vento. Afinal de contas, elas são ouvidas por muita gente. Quantos milhões de pessoas, por exemplo, deixaram de se vacinar porque Bolsonaro disse que não havia necessidade? Muita gente ouve e se convence de que o presidente tem razão. É arriscado desconsiderar esse movimento. São investidas que fragilizam dia a dia as nossas instituições. Imagine: se um dia a sociedade decidir que não acredita mais no Judiciário, o que será de nós? Quando as pessoas não se sentirem mais representadas pelo Congresso, o que vai ser depois disso? Um regime de exceção, totalitário e autoritário.

Há risco de acontecer no Brasil o que ocorreu nos EUA, com a invasão do Capitólio?

Existe. O presidente fortalece o discurso de um grupo radical. E muita gente no Brasil está sendo levada por essa torrente de teses pelas quais Bolsonaro advoga. Aquilo que vimos nos Estados Unidos foi a reação a um resultado legítimo revelado pelas urnas. E nós temos que ter cuidado para que isso não se repita aqui. E evitar logo cedo. A gente faz isso mostrando ao presidente que as nossas instituições são fortes e que nossa sociedade não apóia ideias como essas. Há um número maior de defensores do regime democrático. Isso precisa ser dito. É preciso falar que a esmagadora maioria dos brasileiros não concorda com desvios de conduta, com a ausência de políticas desse governo. É bom ser dito, inclusive, pela caserna. O vice-presidente tem falado isso de maneira muito clara, se colocando contra o que defende Bolsonaro. E isso tem feito com que Mourão fique segregado por completo do governo. Para os outros poderes, esse gesto é muito importante.

Acha que a solução seria o impeachment?

Desde que Rodrigo Maia estava na presidência da Casa, sempre defendi que havia motivos para que os pedidos de impeachment fossem analisados. Mas, desde aquela época, venho me convencendo de que isso não será levado adiante. Não posso aqui alimentar uma falsa expectativa de que os pedidos serão analisados. Porque não vão. Não foi com Maia. Não serão com Arthur Lira.

A pandemia fez com que muitos brasileiros passassem a chamar Bolsonaro de genocida. O senhor concorda com isso?

De fato, desde o começo da pandemia, Bolsonaro teve uma atitude que explica as consequências do que estamos vivendo até hoje: um número enorme de mortos, aumento da pobreza e todas as dificuldades que a crise trouxe. Nenhum outro chefe de Estado do mundo fez isso. Bolsonaro minimizou a gravidade do vírus. Chamou a doença de gripezinha. Era orientado por um gabinete paralelo que dizia que superaríamos essa situação em menos de um mês. Confrontou governadores e prefeitos. Não quis coordenar uma ação conjunta na pandemia. Se, desde o início, tivéssemos tido essa coordenação, com participação de Bolsonaro, os resultados seriam outros e bem menos devastadores. Seria outra realidade se Bolsonaro tivesse uma postura mais responsável. E não teve, lamentavelmente. ■

> "Temos que evitar que aconteça aqui o que aconteceu nos EUA com a invasão do Capitólio e mostrar ao presidente que a sociedade aqui não apóia ideias como essas"

FOTO: ASOS KATOPODIS/GETTY IMAGES NORTH AMERICA

Editorial

UM GOLPISTA

Há 60 anos, Jânio Quadros, o folclórico presidente da vassourinha, cujo jingle musical de campanha prometia varrer a bandalheira do País, tentou um autogolpe. Numa jogada arriscada, alegando ameaças de "forças terríveis", que supostamente contra ele se levantavam e o infamavam (palavras do próprio), comunicou por meio de um bilhete ao Congresso que estava abandonando a Presidência da República. Esperava ser reconduzido pelas Forças Armadas, pelos parlamentares e até pelo povo, que lhe implorariam a reconsideração do ato e, assim, abririam a ele espaço para um maior controle do Estado. Não deu certo. No decorrer dos eventos, com o Brasil convulsionado por uma polarização política tacanha, o terreno estava sedimentado para a tomada de poder militar, no que se converteu no período mais sombrio de nossa existência. Foram mais de duas décadas de uma ditadura cruel e implacável. A repetir a história como farsa, um certo capitão Bolsonaro, agitador por natureza e arrivista por convicção, tenta nos dias de hoje, em pleno século 21 e em total dissintonia com os avanços do mundo globalizado, o corolário de um golpe. Torto, sem motivo e em absoluta afronta à Constituição. Bolsonaro não mede limites. Caudilho de carteirinha, desconsidera o drama da crise pandêmica que verga o País. Não se comove com o sofrimento latente de desempregados, de empreendedores falidos, de famílias inteiras órfãs, dizimadas pela Covid. Bolsonaro tem foco e atenção exclusiva na meta de sua vida, de se manter no poder. Realiza o pior governo de todos os tempos da Nação. Um ogro no trato, autoritário nos desmandos, absolutamente inconsequente nos movimentos, não aceita deliberações dos demais poderes. Usa do ardil manjado de acusar outros setores por aquilo que pessoalmente faz. Sugere o STF e o TSE mancomunados diabolicamente na tentativa de "arrebentarem a corda". Exatamente como deram cabo a isso? O mandatário não gostou da resistência ao voto impresso, sonho que acalenta para uma eventual narrativa de fraude. Denuncia, sem provas, a possibilidade da tal fraude, mas tenta, na verdade, recorrer a ela, caso seja necessária no cambalacho da reeleição. Ao não aceitar a escolha da Suprema Corte e o referendo parlamentar sobre o assunto do voto impresso, age como soberano que não pode ser contrariado. Mesmo com o Congresso (a "Casa do povo") rejeitando por maioria absoluta a ideia. Não importa. Apenas a escolha plenipotenciária e indiscutível do inquilino do Planalto vale. Do contrário, ele bota para quebrar e arrebentar. Como quer agora. É a ameaça a pairar no momento. Uma balbúrdia com data marcada para o próximo Sete de Setembro. Justamente aquela na qual se comemora a Independência do Brasil. A analogia entre os dois eventos é forçada pelos organizadores. Muito embora não guardem qualquer semelhança entre eles. Aqui se trata de mero levante ilegal, arbitrário e inconsequente. Bolsonaro incita hordas de adoradores a se insuflarem contra a Suprema Corte, o Parlamento e contra qualquer um a aparecer no seu caminho de gestão totalitária. Insinua a adesão de alas da Polícia Militar, como a mostrar o apoio das armas, intimidando opositores. Eis o tom de quem hoje ocupa o Palácio do Planalto. Alguém ainda pode enxergar nele qualquer sinal de civilidade, equilíbrio e sensatez? A pergunta procede frente ao fato de restarem ao menos 16 meses de condução do País nas mãos de um governo cujo fundamento é o da ameaça a poderes, o do golpismo escancarado e o da sabotagem institucional, ao arreganho da Carta Magna. Que brasileiro pode seguir tranquilo em meio a tantos sobressaltos, irresponsabilidades e crimes? Não há trégua. Conciliação. Entendimento. Nada. O capitão do serrado não quer conversa. Descarta diálogo com governadores, que pediram a harmonia. Pensa apenas na conclamação da revolta. Até com invasões. Mesmo de embaixadas, como a da China. E resta a pergunta: a quem pode interessar manter Bolsonaro no poder,

Carlos José Marques, *diretor editorial*

INCORRIGÍVEL

diante de tantos delírios? O cenário é de pesadelo. Fora de hora e sem motivo real. O "mito" Messias enxerga o próximo Sete de Setembro como um "divisor de águas". A título de quê? Em nenhum canto do mundo civilizado, convocação com uma pauta da natureza sugerida é tida como democrática, de mera liberdade de expressão ou de pensamento. Trata-se de uma espécie de motim à ordem constituída. Interferência gravíssima. Imaginar PMs participando do movimento é ainda mais inacreditável. São eles fiadores da estabilidade. É inevitável reiterar e alertar aos incautos: não estamos mais nos idos de 1961 do Jânio aventureiro, nem no longínquo 1964 do descabido golpe. Evoluímos de lá para cá. O Brasil precisa de trégua, sem aventuras temerárias. A escalada dos atos propostos pelo capitão e por seu gabinete do ódio vão na direção contrária. Um retrocesso rumo ao obscurantismo. Todos nós sabemos: o cenário-pesadelo irá cessar apenas no momento em que o protagonista de tamanho alvoroço for apeado do poder. Não antes. E ele já deu evidentes gestos no sentido de não recuar um milímetro nas pretensões acalentadas. A quartelada de Sete de Setembro será, provavelmente, apenas mais uma das inúmeras injunções desse fanatismo bolsonarista a caminho. O presidente quer milicianizar as Forças Armadas, como instrumentos de interesse privado dele. Não do Estado. Organiza, financia e insufla atos para passar a falsa impressão de um País convulsionado. Na verdade, o grande arruaceiro é o próprio. Incorrigível. Deixando perplexos não apenas brasileiros, como o mundo inteiro. Blefador compulsivo, piora o que já é ruim, passando por cima de quase 600 mil cadáveres de vítimas da pandemia. Um perverso, insensível, deplorável e pusilânime ser a fazer rodízio de destruições em série sobre o que restou da Nação. Não cabe mais apaziguamento. Apenas resistência ao berrante da anarquia. Em 1961, as futricas de Jânio Quadros foram tratadas como exóticas, inofensivas, e deu no que deu. Não é aconselhável incorrer no erro novamente. A crise de governança que veio do nada, no lombo de um mandatário a esparramar bobagens, pode provocar sintomas e consequências bem mais sérios. Um despautério falar em voto impresso e tanques nas ruas, quando milhares estão morrendo por Covid, de fome , sem condições mínimas para seguir adiante. É hora de interromper o triste espetáculo em andamento. As micaretas esculhambadas de blindados fumegantes, caminhões e motocas, paródia de corrida maluca, são típicas de republiqueta das bananas. Mais adequadas seriam em filmes de comédia, a relembrar o pior e o pitoresco da política do atraso. No Brasil que almeja a retomada do desenvolvimento e da estabilidade soa hoje como uma disruptura repulsiva. ■

FOTOS: © ERNO SCHENEIDER; PEDRO LADEIRA/FOLHAPRESS

por Felipe Machado

Editor de Cultura de ISTOÉ

O CANCELAMENTO DAS REDES SOCIAIS

Quando as redes sociais surgiram houve um momento de êxtase: reencontrar o amigo de infância perdido no tempo foi uma experiência positiva para milhões de pessoas. O mundo ficou menor: mérito dos jovens empreendedores que inventaram uma forma genial de conectar as pessoas e eliminar, ainda que virtualmente, as fronteiras que nos separam.

Hoje é preciso maturidade para olhar o fenômeno e dizer: deu tudo errado. As redes tornaram-se uma droga perigosa, que nos apresentou um mundo de ilusão e nos enganou até ficarmos viciados. O conceito inicial, aproximar as pessoas, sumiu. As redes viraram máquinas de desinformação, nas quais robôs e escravos do próprio ego agem livremente para disseminar discursos de ódio. Culpa das plataformas e de seus algoritmos oniscientes e imperiais, que estimulam ambientes de "bolha" onde todos que pensam da mesma maneira vivem confinados. A culpa também é nossa, que deixamos que usassem nossas vidas como iscas para atrair outros para o vício. O problema é que, no universo digital, as leis são bem mais lentas que a esperteza daqueles que buscam oportunidades para se dar bem — fazendo o mal. E assim, com agilidade que seria impensável no mundo real, grupos de delinquentes passaram a utilizar essas poderosas ferramentas não apenas para defender golpes de estado e movimentos de sedição, mas para organizá-los e promovê-los. O caso da Cambridge Analytics, empresa que manipulou a campanha americana a favor de Donald Trump, é apenas a ponta do iceberg para o qual caminhamos como um Titanic global. Para cada vídeo de gatinho que damos nosso "like", há milhares de neonazistas protegidos pela liberdade de expressão garantida pelas grandes corporações. O lado nocivo, o efeito colateral das redes sociais, tornou-se a própria essência que movimenta bilhões de dólares.

A suspensão eventual de alguns perfis tem o efeito de um bandaid sobre um tumor em metástase. Para as crianças, são bombas-relógio feitas de recompensas vazias e promessas mentirosas de fama. O resultado será catastrófico se não agirmos agora. A solução é radical: o cancelamento das redes sociais. Aí, então, elas seriam relançadas sob uma nova legislação, criada por um comitê internacional e multidisciplinar. Educadores, juristas, especialistas, psicólogos e diplomatas. Nada de empresários, nem políticos: a vida em sociedade é muito importante para deixar na mão de quem só têm compromisso com os lucros ou com os próprios interesses.

As plataformas viraram máquinas de desinformação, nas quais robôs e escravos do próprio ego agem para disseminar discursos de ódio

A FOME É UMA ESTATÍSTICA ZUMBI

Afirma-se frequentemente que a maior parte da comida do mundo é produzida por pequenos agricultores. A Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura — a FAO — afirmou mesmo que entre 70% e 80% de todos os alimentos tem essa origem. Mas isso é mentira. Estudos recentes sugerem que este número é irrealista e demasiado elevado. A verdade é que os pequenos agricultores produzem apenas cerca de um terço dos alimentos mundiais o que é menos de metade da realidade anunciada oficialmente. A razão deste equívoco é uma simplificação exagerada que distorce os fatos. Certamente na tentativa de tornar compreensível uma realidade complexa, as autoridades oficiais utilizam os termos "explorações familiares" e "pequenas explorações agrícolas" como se fossem sinónimos e isso não é verdade.

A maioria (84%) dos 570 milhões de fazendas do mundo são pequenas propriedades; ou seja, fazendas com menos de dois hectares são, na sua imensa maioria, exploradas por pequenos fazendeiros em modo de

A verdade é que os pequenos agricultores produzem um terço dos alimentos mundiais

por José Manuel Diogo

Escritor

subsistência. Eles são simultaneamente as pessoas mais pobres do mundo e quem, tragicamente – e de certa forma paradoxalmente – também passa fome com maior frequência. Trágica é também a forma como essa crença se generalizou, porque tem sido um elemento central na definição de políticas agrícolas e de desenvolvimento erradas. E como são erradas, ao invés de combaterem a pobreza a ampliam.

A FAO, ao afirmar em seus relatórios que "os pequenos agricultores produzem mais de 70% das necessidades alimentares do mundo" ou "as pequenas fazendas e as fazendas produzem 70-80% dos alimentos do mundo", romantiza perigosamente a ideia de um futuro onde a maioria das pessoas ainda passa o seu tempo a trabalhar nos campos para apenas subsistir de pequenos retornos. Mas esse é o futuro onde centenas de milhões de pessoas continuam a viver na pobreza, passando fome.

É verdade que as pequenas fazendas produzem quase todos os alimentos "consumidos" do mundo, mas não a quantidade de alimentos "necessários". É fácil entender que dois hectares trabalhados por uma numerosa família de agricultores em um país de África produzem infinitamente menos que outros – ou até os mesmos – hectares explorados pela última tecnologia de irrigação israelense assistida por computador. Este erro – com origem em uma falsa boa ideia – se transformou numa estatística zumbi, que, sendo repetida por muitas outras organizações, apesar de nenhuma evidência que a sustente, é uma das principais responsáveis por desigualdade e pobreza no mundo.

por Marco Antonio Villa

Historiador

PRECISAMOS SALVAR O BRASIL DO BOLSONARISMO

Os tambores das tropas de assalto bolsonaristas anunciam o golpe. Não há dia sem alguma notícia de ameaça ao Estado democrático de Direito. Jair Bolsonaro vocifera com ódio contra a democracia. A mesma democracia que abriu caminho para que chegasse à Presidência, isto após trinta anos de vida parlamentar. Houve um erro, grave erro, dos poderes constituídos que assistiram passivamente Bolsonaro atacar os fundamentos constitucionais, defendendo abertamente a supressão da Carta de 1988. Esta ação criminosa permitiu que numa conjuntura de enfraquecimento das instituições, em um momento de angústia e desespero frente aos sucessivos casos de corrupção, da falta de candidaturas que lessem a conjuntura e conseguissem entender o sentimento dos brasileiros cansados e frustrados com os presidentes recentemente eleitos, deu a Bolsonaro a chance de chegar ao posto de chefe do Executivo federal.

Do interior do aparelho de Estado, Bolsonaro foi diuturnamente solapando as bases democráticas construídas com tanto esforço desde os anos 1980. Ele representa os derrotados, a extrema-direita que foi enxotada do governo, que durante 21 anos se locupletou em nebulosas transações, que organizou um sistema repressivo para exterminar criminosamente os opositores à ditadura. Não é acidental que faça loas ao covarde coronel Ustra, transformando-o em seu herói. Para ele, a oposição tem de ir para o pau-de-arara, deve ser torturada e morta. Só não o fez ainda, graças à ação corajosa e republicana do Supremo Tribunal Federal. Se não estamos em uma ditadura – e desde o ano passado – é graças ao STF.

Estamos nos aproximando da hora decisiva. O Brasil não aguenta mais tanta turbulência política, tanto ódio, incompetência administrativa, falta de projeto de governo, tantos mortos da pandemia. Estamos alcançando a macabra marca de 600 mil óbitos. No País, em um ano e meio de pandemia e sem nenhum tiro – graças ao planejamento do genocida Bolsonaro – tivemos quatro vezes mais mortos do que em vinte anos de guerra no Afeganistão. Precisamos salvar o Brasil da sanha nazifascista, do bolsonarismo. Roubaram até a nossa bandeira. Temos de dizer: tirem as mãos do pavilhão nacional. Ele representa as lutas do povo brasileiro. Fiquem com a suástica e o fascio. A bandeira verde e amarela é nossa.

O presidente quer que a oposição vá para o pau-de-arara, seja torturada e morta. Só não o fez ainda, graças à ação corajosa do STF

O Brasil não vai resistir a um processo eleitoral, no ano que vem, tendo Bolsonaro na Presidência. Ele quer completar a sua obra ensanguentando o País. Temos de resistir, antes que seja tarde demais.

Frases

"SENTI INVEJA DE PAÍSES QUE LIDARAM COM A DESGRAÇA DE FORMA RESPONSÁVEL, COM ORIENTAÇÕES PRECISAS E NÃO COM O USO POLÍTICO DA TRAGÉDIA"

MARIETA SEVERO, atriz, sobre a forma que o governo federal atua na pandemia

"INFLUENCIADOR É UM PRODUTO IGUAL A SABÃO EM PÓ E SABONETE"

FÁTIMA PISSARRA, fundadora da agência Mynd

"O PÃO NOSSO DE CADA DIA PODE NOS DAR RESÍDUOS DE ATÉ CENTO E OITO DIFERENTES TIPOS DE AGROTÓXICOS"

SONIA CORINA HESS, química e professora da Universidade Federal de Santa Catarina, explicando como técnicas agrícolas têm alterado negativamente a qualidade do trigo brasileiro

"TENHO MEU LADO PROFISSIONAL EXIGENTE, MAS DEMONSTRO ISSO COM UM SORRISO"

CLAUDE TROISGROS, chef de cozinha, ao criticar colegas que tratam seus funcionários com falta de educação

"CORRIA COM UM CAPACETE INSPIRADO EM AYRTON SENNA"

LEWIS HAMILTON, piloto de Fórmula 1, sobre o início de sua carreira

FOTOS: LÉO AVERSA/PARCEIRO/AGÊNCIA O GLOBO; RICARDO BORGES/FOLHAPRESS; JOÃO COTTA/ GLOBO; ZÉ GUIMARÃES/FOLHAPRESS

"PARA QUE UM BOM VILÃO ACONTEÇA, O PÚBLICO TEM DE SE IDENTIFICAR COM ELE"

RODRIGO LOMBARDI, ator

"Ele alterou o meu DNA"

RITA WAINER, artista plástica e atriz, sobre o psicanalista Abram Ekasterman que foi também seu médico

"O governo faz grandes anúncios e, quando se lê os projetos de lei, eles decepcionam. Em muitos casos, assustam"

MARCOS LISBOA, presidente do Insper

"OS BRANCOS COMETEM MAIS CRIMES PATRIMONIAIS QUE OS NEGROS, E OS PERIGOSOS SOMOS NÓS"

IRAPUÃ SANTANA, advogado e membro do movimento liberal Livres

"A fabricação artificial de crises institucionais infrutíferas afasta o País do enfrentamento de problemas reais. É hora de reordenar prioridades"

GILMAR MENDES, ministro do STF

"Minha mãe arrancou as cordas do meu violão para eu me dedicar à escola"

MARGARETH MENEZES, cantora, ao relembrar a sua infância

"A ATUAL SITUAÇÃO DRAMÁTICA DO PAÍS É, EM PARTE, RESPONSABILIDADE DE UMA ELITE SEGREGADA EM SEU MUNDO"

DENISE CARREIRA, coordenadora da associação Ação Educativa

"Dormi com 70 mil pessoas visualizando minhas postagens e acordei com um milhão de seguidores. Ainda estou digerindo tudo isso"

DOUGLAS SOUZA, jogador da seleção brasileira de vôlei, sobre o fato de terem acompanhado a sua participação nas Olimpíadas por meio do Instagram

por **Germano Oliveira**

Colaboraram: Marcos Strecker e Ricardo Chapola

Brasil Confidencial

TEMOR
Bolsonaro está apavorado com a possibilidade de vir a ser preso por conta dos processos no STF

Cem anos de cadeia

Jair Bolsonaro pediu, de forma absurda, o impeachment de Alexandre de Moraes por uma simples razão. O ministro do STF conduz quatro inquéritos contra o presidente no tribunal, que podem lhe render pelo menos 60 anos de prisão. O pavor de ser preso atormenta o ex-capitão. Mas, dificilmente, isso acontecerá durante o mandato. Para ser preso agora, a PGR teria que denunciá-lo, e Augusto Aras não o fará. Em segundo lugar, mesmo que isso acontecesse, a Câmara teria que aprovar a denúncia, e Arthur Lira não permitirá. Depois que deixar o governo, sim. Ele não terá mais a imunidade do cargo e será processado pela justiça comum: uma condenação não está descartada, já que os crimes dos quais é acusado passam das dezenas. Não é por outra razão que o ódio dele por Moraes é mortal.

Inquéritos

Bolsonaro responde a cinco investigações. No inquérito 4831, que trata da interferência na PF, as penas somam 12 anos. No inquérito 4875, por prevaricação no caso da Covaxin, a pena é de 1 ano. No inquérito 4878, por vazamento de inquérito sigiloso, a pena é de 4 anos. Já no inquérito 9842 é investigado por 11 crimes, com penas de 40 anos.

TSE

Fora os crimes puníveis pelo código penal, Bolsonaro é investigado também no TSE. Lá, o presidente é alvo de duas ações para apurar crimes de uso do poder econômico na campanha de 2018, que podem levá-lo à inelegibilidade e perda do cargo. Na CPI da Covid, será denunciado no relatório final por crimes que correspondem a 55 anos de prisão.

Um homem magoado

O senador Davi Alcolumbre (DEM-AP) é um poço até aqui de mágoas. Ainda não perdoou Bolsonaro por não ter ajudado seu irmão a se eleger prefeito de Macapá; não se conformou com a falta de empenho do governo na sua reeleição à presidência do Senado; e reclama do mandatário não ter lhe dado um ministério. Moral da história: como presidente da CCJ, ele se recusa a marcar a sabatina de André Mendonça.

RÁPIDAS

* O pedido de impeachment de Alexandre de Moraes não tem a mínima chance de prosperar, a começar pelo fato de o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco, já ter dito não antever fundamentos para o afastamento do ministro do STF. "Não vamos desunir o País", disse.

*** Para conter a evasão escolar, o governador João Doria decidiu pagar uma bolsa de estudos para 300 mil estudantes do ensino médio mais vulneráveis no valor de R$ 1.000 por ano, divididos em parcelas mensais.**

* Guedes jogou a toalha quanto à reforma tributária. Diante da perspectiva de que os deputados alterem o Imposto de Renda e taxem mais as empresas, o ministro diz que "se for para piorar, é melhor não fazer reforma alguma".

*** O projeto de Bolsonaro de reduzir os preços dos combustíveis naufragou. Um litro de gasolina está custando mais de R$ 7,00. Em Tocantins, o preço chega a R$ 7,36, no Rio Grande do Sul a R$ 7,18 e no Rio, a R$ 7,05.**

RETRATO FALADO

"Bolsonaro não consegue associar goiaba com goiabeira"

***José Anibal**, que acaba de assumir a vaga de José Serra no Senado, licenciado para tratamento de saúde, disse à Folha que o presidente da República faz um governo desastroso e é incapaz de continuar conduzindo o País. Por isso, entende que o PSDB não pode continuar com postura ambígua. "Aquele papo de que somos contra o governo, mas apoiamos bons projetos não dá mais. Não há nenhum bom projeto. Ou superamos isso ou não vamos construir a terceira via", explica.*

TOMA LÁ DÁ CÁ

CLARISSA GAROTINHO, DEPUTADA PELO PROS-RJ

A insistência do presidente em pedir o impeachment dos ministros do STF pode desestabilizar a relação entre os Poderes?

É importante que os Poderes trabalhem em harmonia. O que vemos é uma interferência indevida dos Poderes em responsabilidades constitucionais dos outros.

A senhora acredita que as urnas eletrônicas são seguras?

Propomos mecanismos mais confiáveis de auditoria. Mais segurança não ameaça a democracia. E não acredito que isso seja para justificar uma derrota do presidente. Afinal, a eleição será muito disputada.

Acredita que a democracia corre riscos?

Na minha opinião, a democracia não corre riscos. Aperfeiçoá-la faz parte e esse debate normalmente é bastante acalorado.

Sinal amarelo

A economia dá sinais de que teremos um 2022 tenebroso. Na semana passada, os executivos das 42 maiores instituições financeiras se reuniram com dirigentes do Banco Central e mostraram preocupações com as perspectivas para o futuro. O risco fiscal, a crise política provocada pelas constantes ameaças de golpe e a persistência da inflação em alta estão levando a um cenário de baixo crescimento para 2022. Os bancos estão prevendo crescimento de 2,04%, quando antes estimavam um PIB de 2,5%. Já há economistas calculando uma elevação de no máximo 1,5%. Diante disso, o presidente do BC, Roberto Campos Neto, diz que há "ruídos domésticos" a afetar o desempenho econômico.

Quadro negro

Diante da derrocada da política econômica, os executivos dos bancos já estão prevendo um ano turbulento em 2022. Além de um PIB menor, a inflação deverá ser maior e a taxa Selic poderá chegar a 7,5%. O ambiente para os negócios está turvo e o pessoal da Faria Lima está à beira de um ataque de nervos.

A derrota de Allan

ISTOÉ derrotou **Allan dos Santos** no STF. O ministro Alexandre de Moraes suspendeu o processo que tramitava na 7ª Vara Cível de Brasília, no qual este colunista havia sido condenado a indenizar o blogueiro por supostamente divulgar fatos inverídicos contra ele, sobretudo os que mostravam que ele recebeu dinheiro da Secom para promover o governo.

A verdade dos fatos

O ministro considerou que os inquéritos 4828 e 4781, do STF, "comprovaram a verdade dos fatos denunciados". A ação foi patrocinada pelos advogados Igor Sant'Anna Tamasauskas, Otávio Mazieiro e Pierpalo Bottini. Allan, aliás, tem sofrido inúmeros reveses na Justiça: terá que explicar, por exemplo, a origem dos R$ 109 mil enviados para os EUA.

Tá ruim, mas vai piorar

Se Bolsonaro acha que a situação está difícil no STF, em 2022 as coisas vão piorar mais. No ano que vem, durante as eleições, o ministro Alexandre de Moraes assumirá a presidência do TSE. Em setembro, a ministra Rosa Weber dirigirá o STF no lugar de Luiz Fux e ela não tem sido nada amistosa com o presidente. Em 2023, quem assume o STF é Luís Roberto Barroso.

FOTOS: ORLANDO BRITO; MARCOS OLIVEIRA/AGÊNCIA SENADO; GERALDO MAGELA/AGÊNCIA SENADO; ANDRÉ LUÍS ABRAHÃO/PROS; MATEUS BONOMI/AGIF VIA AFP; CARLOS MOURA/SCO/STF

Semana

por Antonio Carlos Prado e Mariana Ferrari

PERFORMANCE
Cerimônia de início dos Jogos: dança e comemoração

OURO BASILEIRO

Na quarta-feira 25, primeiro dia de provas, o nadador brasileiro Gabriel Bandeira, 21 anos, conquistou medalha de ouro nos 100 metros borboleta, classe S14 (portadores de deficiência intelectual). Com 54s76, ele bateu o recorde nessa modalidade.

ESPORTE

Japão abre a festa das Paraolimpíadas. Com ouro para o Brasil

Autoridades da área sanitária de diversos países colocaram-se claramente contrários à realização dos Jogos Olímpicos — temia-se um recrudescimento do contágio pela Covid-19. Para o governo japonês, no entanto, sediá-los tornara-se uma questão de autoafirmação e de identidade nacional, até porque o país já perdera essa chance na década de 1940, devido à Segunda Guerra Mundial. Ainda que sem público e mesmo com os organizadores seguindo impecavelmente todos os protocolos de segurança (farmacológicos e não farmacológicos), o fato é que o aumento na transmissão do vírus explodiu, dia após dia, em trágicas estatísticas. Na semana passada, tiveram início os Jogos Paraolímpicos (igualmente sem público), e não fazê-los, uma vez que os Jogos tradicionais foram realizados, seria um ato de preconceito em relação a pessoas com deficiências. A diferença é que, agora, o próprio governo japonês, olhando para o passado, admite que o contágio aumentará ainda mais: na segunda-feira 23, véspera da abertura do evento, o país registrava o décimo segundo dia consecutivo de recorde na média de novos casos. E, na semana anterior, foram contabilizados, em média, cerca de vinte e três mil novos infectados diariamente. O sistema hospitalar de Tóquio está operando sob pressão, e o primeiro-ministro Yoshihide Suga ordenou que os hospitais abriguem somente pacientes em estados gravíssimos — os demais são encaminhados para isolamento em casa. A variante Delta, com sua altíssima transmissibilidade (de um para seis), burlou todo o anteparo da festa anterior. Especialistas em todo o mundo não guardam dúvidas de que a Delta, infelizmente, também poderá deixar uma cara herança ao fim da festa atual.

Herança dos Jogos recém-terminados

Na véspera da abertura das Paraolimpíadas, o Japão registrou o **12º dia consecutivo** de recorde de novos casos de Covid-19

Na semana que antecedeu o início das Paraolimpíadas, o país teve, em média, **22,4 mil** novos infectados diariamente

12 regiões, além de Tóquio, capital japonesa, entraram em estado de emergência após o final dos Jogos Olímpicos tradicionais

FOTOS: LISI NIESNER/REUTERS; NAOMI BAKER/GETTY IMAGES ASIAPAC/GETTY IMAGES VIA AFP

DIPLOMACIA

A reunião secreta da CIA com o Taleban

O diretor da CIA, William J. Burns, e o líder do Taleban, Abdul Ghani Baradar, são velhos conhecidos — e bons interlocutores, apesar de Burns ter sido um dos principais responsáveis pela prisão de Baradar, há onze anos. Ele cumpriu pena e reconquistou a liberdade em 2018. Foi Baradar, também, quem operou como negociador-chefe com o governo americano nos acordos de paz no Catar. Esse é um dos motivos pelos quais o presidente dos EUA, Joe Biden, escalou Burns para uma reunião em Cabul, mantida sob sigilo até a quarta-feira 25, quarenta e oito horas após a sua realização. Os EUA confiam em Burns e Baradar, embora Baradar não confie nos EUA, mas somente na pessoa de Burns. O assunto, dessa vez, foi o exíguo prazo (vence dia 31) para os militares dos EUA concluírem no Afeganistão a retirada aérea de americanos e afegãos que queiram partir. Não ficou acordado se esse prazo será dilatado.

NEGOCIAÇÃO William Burns: diálogo fácil com o Taleban

Grafites contra o terror

Shamsia Hassani é considerada a primeira grafiteira do Afeganistão. Não se intimidou com a tomada do poder pelo Taleban e segue com o seu trabalho artístico. Um dos mais significativos que ela fez, divulgado na semana passada e exposto em diversos muros de Cabul, mostra uma menina desafiando o poder bélico e as brutalidades cometidas contra as mulheres: ela, toda colorida, segura delicadamente um vaso com uma flor. O representante do Taleban tem os olhos vermelhos de raiva. Traduz a força feminina.

Bebê quer dinheiro **Quando tinha quatro meses de idade, o bebê Spencer Elden foi exposto na capa do disco "Nevermind", do Nirvana: nu, nadando em uma piscina, como se quisesse apanhar uma nota de um dólar que estava na água. Agora Elden está com 30 anos e processa a banda por "exploração sexual infantil comercial". São quinze réus (inclusive a viúva de Kurt Cobain) e, de cada um deles, Elden quer US$ 150 mil. À época (1991), os seus pais cobraram (e receberam) US$ 200 pelo uso da imagem do filho.**

FOTOS: STEFANI REYNOLDS/THE NEW YORK TIMES/FOTOARENA; REPRODUÇÃO

FUNDADOR
DOMINGO ALZUGARAY (1932-2017)
EDITORA
Catia Alzugaray
PRESIDENTE EXECUTIVO
Caco Alzugaray

ISTOÉ

DIRETOR EDITORIAL
Carlos José Marques

DIRETORES
DE REDAÇÃO: Germano Oliveira **DE EDIÇÃO:** Antonio Carlos Prado
EDITOR EXECUTIVO: Marcos Strecker

EDITORES: Felipe Machado, Ricardo Chapola (Brasília) e Vicente Vilardaga
REPORTAGEM: André Lachini, Eudes Lima, Fernando Lavieri, Mariana Ferrari, Taísa Szabatura e Vinícius Mendes
COLUNISTAS E COLABORADORES: Bolívar Lamounier, Cristiano Noronha, Elvira Cançada, José Manuel Diogo, José Vicente, Luiz Fernando Prudente do Amaral, Marco Antonio Villa, Mentor Neto, Rachel Sheherazade, Ricardo Amorim e Rosane Borges

ARTE
DIRETOR DE ARTE: Camilla Frisoni Sola
EDITOR DE ARTE: Arthur Fajardo
DESIGNERS: Alexandre Souza, Cibele Camargo, Claudia Ranzini e Wagner Rodrigues
INFOGRAFISTA: Nilson Cardoso
PROJETO GRÁFICO: Marcos Marques

ISTOÉ ONLINE: Diretor: Hélio Gomes
Editor executivo: Edson Franco
Editor: André Cardozo
Reportagem: Alan Rodrigues, André Ruoco, Heitor Pires, Larissa Pereira, Letícia Sena, Rafael Ferreira e Vinicius Moreira da Silva
Web Design: Alinne Souza Correa e Thaís Rodrigues Ferreira Fernandes

AGÊNCIA ISTOÉ: Editor: Adi Leite
Pesquisa: Mônica Andrade (Colaboradora) e Salvador Oliveira Santos
Arquivo: Eduardo A. Conceição Cruz

CTI: Sílvio Paulino e Wesley Rocha

APOIO ADMINISTRATIVO
Gerente: Maria Amélia Scarcello **Secretária:** Terezinha Scarparo
Assistente: Cláudio Monteiro
Auxiliar: Eli Alves

MERCADO LEITOR E LOGÍSTICA
Diretor: Edgardo A. Zabala

Gerente Geral de Venda Avulsa e Logística: Yuko Lenie Tahan

Central de Atendimento ao Assinante: (11) 3618-4566
de 2ª a 6ª feira das 10h às 16h20. Sábado das 9h às 15h.
Outras capitais: 4002-7334
Outras localidades: 0800-888 2111 (exceto ligações de celulares)
Assine: www.assine3.com.br
Exemplar avulso: www.shopping3.com.br

PUBLICIDADE
Diretor nacional: Maurício Arbex **Secretária da diretoria de publicidade:** Regina Oliveira **Assistente:** Valéria Esbano **Gerente executivo:** Andréa Pezzuto **Diretor de Arte:** Pedro Roberto de Oliveira **Coordenadora:** Rose Dias **Contato:** publicidade@editora3.com.br **ARACAJU – SE:** Pedro Amarante · Gabinete de Mídia · **Tel.:** (79) 3246-w4139 / 99978-8962 – **BELÉM – PA:** Glícia Diocesano · Dandara Representações · **Tel.:** (91) 3242-3367 / 98125-2751 – **BELO HORIZONTE – MG:** Célia Maria de Oliveira · 1a Página Publicidade Ltda. · **Tel./fax:** (31) 3291-6751 / 99983-1783 – **CAMPINAS – SP:** Wagner Medeiros · Wem Comunicação · **Tel.:** (19) 98238-8808 – **FORTALEZA – CE:** Leonardo Holanda – Nordeste MKT Empresarial – **Tel.:** (85) 98832-2367 / 3038-2038 – **GOIÂNIA – GO:** Paula Centini de Faria – Centini Comunicação – Tel. (62) 3624-5570/ (62) 99221-5575 – **PORTO ALEGRE – RS:** Roberto Gianoni, Lucas Pontes · RR Gianoni Comércio & Representações Ltda · **Tel./fax:** (51) 3388-7712 / 99309-1626 – **INTERNACIONAL:** Gilmar de Souza Faria · GSF Representações de Veículos de Comunicações Ltda · **Tel.:** 55 (11) 99163-3062

ISTOÉ (ISSN 0104 - 3943) é uma publicação semanal da Três Editorial Ltda. **Redação e Administração:** Rua William Speers, 1.088, São Paulo – SP, CEP: 05065-011. **Tel.:** (11) 3618-4200 – **Fax da Redação:** (11) 3618-4324. São Paulo – SP. Istoé não se responsabiliza por conceitos emitidos nos artigos assinados. **Comercialização:** Três Comércio de Publicações Ltda, Rua William Speers, 1212, São Paulo – SP. **Impressão: OCEANO INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.** Rodovia Anhanguera, Km 33, Rua Osasco, nº 644 – Parque Empresarial – 07750-000 – Cajamar – SP

ANER
www.aner.org.br

MILITAR
O coronel Gueiros é amigo de Bolsonaro e sócio da empresa que procurou vender imunizantes não autorizados ao governo

INFLUÊNCIA
Após Flávio mandar e-mail para o ministério, as conversas sobre a compra de vacina suspeita destravaram

A V SU DA FA

O filho 01 do presid a Vaxxinity, não ap suspeitas com emp

CAPA: FOTO DE MATEUS BONOMI/AGIF/VIA AFP; ISTOCKPHOTO

PISTOLÃO
Stelvio Rosi quis valer-se da intermediação do filho 01 do presidente para marcar audiência com Queiroga

VACINA SPEITA MÍLIA BOLSONARO

ente envolveu-se pessoalmente na compra de uma vacina americana, rovada pela Anvisa, nem pela FDA. O interesse mostra ligações resários próximos ao clã no Rio de Janeiro ***Ricardo Chapola***

FOTOS: RICARDO MORAES/REUTERS/FOTOARENA; REPRODUÇÃO

A CPI já desvendou um padrão para os esquemas suspeitos de compras de vacina no Ministério da Saúde: companhias desqualificadas, interesses escusos e empresários duvidosos, muitas vezes ex-militares, operavam negociações bilionárias longe do controle público e alheias às necessidades urgentes do País. O que não se sabia é que a própria família Bolsonaro também atuava nesse submundo. Agora, uma troca de e-mails à qual ISTOÉ teve acesso com exclusividade aponta fortes indícios de que o senador Flávio Bolsonaro participou de uma negociação paralela para a compra de uma vacina americana, a Vaxxinity, ainda em fase de testes e sem aprovação de nenhuma autoridade sanitária do planeta, durante uma viagem que o parlamentar fez aos EUA, em junho deste ano. O que ISTOÉ revela nesta reportagem são as primeiras digitais do filho mais velho do presidente em mais um esquema de malfeitos do governo Bolsonaro no processo de aquisição de imunizantes contra a Covid. O caso chama a atenção por vários aspectos nebulosos, mas o que mais salta aos olhos são as inúmeras semelhanças de irregularidades que este caso guarda em relação aos outros escândalos que já estão sendo investigados pela CPI no Senado.

O envolvimento do 01 nas negociações da vacina americana começa no dia 9 de junho de 2021, às 15h37, quando o advogado e dono de uma pousada de Itacaré (BA), Stelvio Bruni Rosi, envia um e-mail ao gabinete de Flávio Bolsonaro no qual solicita uma reunião entre o parlamentar e representantes do laboratório Vaxxinity, sediado em Dallas (EUA). É o que diz a mensagem, enviada com o título "Flávio Bolsonaro – Vacina Covid-19 – Reunião USA com Empresa Laboratório Americano" e prioridade indicada como "alta". Rosi enviou o texto pelo endereço "stelvio@ricardohoracio.com.br". Ricardo Horácio é um advogado do Rio de Janeiro e dono de um escritório com esse mesmo nome na capital fluminense.

"Senador Flávio Bolsonaro, estivemos juntos na festa em Washington onde foi conversado sobre a vacina da empresa/laboratório/fabricante americana Vaxxinity (antiga Covaxx and United Neuroscience do Grupo UBI – United Biomedical Inc). Solicitamos reunião entre o senhor e a Vaxxinity nos EUA ainda hoje ou amanhã (ou enquanto estiver nos USA). Oportunidade para o governo obter preferência para solicitar a reserva de lote de vacinas estabelecendo negociação prioritária com a Vaxxinity", diz o e-mail enviado ao filho do presidente. No dia em que Rosi mandou o e-mail, Flávio cumpria

ABRINDO PORTAS Flávio mandou mensagem a Queiroga retransmitindo proposta de empresário desqualificado

FOTO: ADRIANO MACHADO/REUTERS/FOTOARENA

9 de junho de 2021
Stelvio envia e-mail ao senador **Flávio Bolsonaro,** solicitando uma reunião nos EUA com representantes do laboratório americano

9 de junho de 2021
Coordenadora-geral do gabinete do ministro, **Maria de Fátima dos Santos,** envia despacho encaminhando a demanda à divisão de agenda com o ministro

10 de junho de 2021
O gabinete de Flávio Bolsonaro encaminha mensagem de Stelvio para o secretário-executivo do Ministério da Saúde, **Rodrigo Cruz**

15 de junho de 2021
Stelvio encaminha **novo e-mail solicitando o encontro com o ministro**

1º de julho de 2021
Stelvio envia email pedindo reunião com o secretário de Vigilância em Saúde, **Arnaldo Correia de Medeiros.** No mesmo dia, a demanda foi encaminhada à divisão de agenda da secretaria do ministério.

27 de julho de 2021
Em novo e-mail, Stelvio agradece à coordenação de agenda do gabinete da Secretaria de Vigilância em Saúde e **informa que encaminhou formulário** de solicitação de audiência para o laboratório americano

De: Stelvio Bruni Rosi [mailto:stelvio@ricardohoracio.com.br]
Enviada em: quarta-feira, 9 de junho de 2021 15:37
Para: Sen. Flávio Bolsonaro <sen.flaviobolsonaro@senado.leg.br>
Cc: stelvio@ricardohoracio.com.br; stelviorosi@yahoo.com.br
Assunto: Flavio Bolsonaro Vacina Covid-19 Reunião USA com Empresa Laboratório Americana
Prioridade: Alta
Senador Flavio Bolsonaro,

Estivemos juntos na festa em Washington (Estados Unidos) onde foi conversado sobre a Vacina do Covid-19 da Empresa / Laboratório / Fabricante Americana "Vaxxinity" www.vaxxinity.com (Antigo Covaxx and United Neuroscience do Grupo UBI - United Biomedical Inc.)
Solicitamos "Reunião entre o "Senhor" e a "Vaxxinity" nos Estados Unidos ainda hoje ou amanhã (ou enquanto estiver nos USA).

Oportunidade para o Governo obter a preferência para solicitar a reserva de Lote de Vacinas estabelecendo negociação prioritária com a Vaxxinity.

Atenciosamente,
Stelvio Bruni Rosi

agenda com o ministro das Comunicações, Fabio Faria, nos EUA. Os dois visitaram Washington e Nova York para conhecer redes privativas de 5G entre os dias 7 e 10 de junho de 2021.

O encaminhamento do caso por Flávio foi praticamente imediato. No dia seguinte, às 11h30, o gabinete do 01 encaminhou a mensagem de Stelvio ao secretário-executivo do Ministério da Saúde, Rodrigo Cruz, que havia assumido o cargo em março, no lugar do coronel Élcio Franco, um dos alvos investigados na CPI. Na mensagem, enviada por Branca de Neves José Luiz, funcionária de Flávio, o senador pede que Cruz analise o pedido para "eventual interesse" na aquisição da vacina. "Prezado senhor, por ordem do senador Flávio Bolsonaro, retransmito a V.Sa. a mensagem a seguir, tendo em vista eventual interesse desse ministério em realizar contato e obter informações", diz a correspondência. A autenticidade do conteúdo desses e-mails foi confirmada pelas partes envolvidas.

Em conversa com a ISTOÉ, Stelvio se disse arrependido por ter pedido a intervenção de Flávio na operação junto ao Ministério da Saúde, após ser flagrado pela reportagem, que descobriu detalhes da negociação. "Não era o caso também de eu ter tentado acessar um senador que não tem muito a ver, né? Tinha que ser por outro caminho", afirmou. O autor do e-mail ao filho do presidente relatou ainda que não estava nos EUA naquele dia e disse que se "expressou mal" ao redigir o texto daquela forma. "Eu mesmo não saio do Brasil desde 2002. Na pandemia, nem de Itacaré eu saí, que é onde moro hoje. Esses caras recebem muitos e-mails. E conversam com muitas pessoas toda hora. Acho que não me expressei muito bem no e-mail. Tentei criar um e-mail para chamar um pouco a atenção", disse Rosi, tentando apagar as digitais do senador da transação. O empresário também disse ter feito a solicitação ao senador a pedido de um conhecido que, segundo ele, trabalha no setor de vendas da vacina americana. "Eu tentei fazer a apresentação de uma empresa para um político, que é filho do presidente do Brasil e que eu tinha conhecimento de que estava nos EUA", relatou o suposto representante da Vaxxinity no Brasil. Segundo o site do próprio laboratório, o imunizante produzido pela empresa é experimental e ainda não foi aprovado em nenhum país do mundo, muito menos pela FDA, a agência americana de medicamentos. No Brasil, a Vaxxinity chegou a pedir autorização à Anvisa para a realização de estudos clínicos da vacina, mas não

qui 10/06/2021 11:30
Sen. Flávio Bolsonaro <sen.flaviobolsonaro senado leg br>
ENC: Flavio Bolsonaro Vacina Covid-19-Reunião USA com Empresa Laboratorio Americana
Para rodrigo.cruz@saude.gov.br
Esta mensagem foi enviada com a prioridade Alta.
Prezado Senhor,
De Ordem do Senador Flávio Bolsonaro, retransmito a V. Sa a mensagem a seguir, tendo em vista eventual interesse desse ministério em realizar contato e obter informações.
Atenciosamente,
Branca de Neves José Luiz
Senado Federal
Gabinete do Senador Flávio Bolsonaro
Anexo I-17º Andar
70165-900 Brasília - DF
Telefone: +55 (61) 3303-3117/1717

OS DIÁLOGOS DE STELVIO COM ISTOÉ

"Soube que o Flávio estava em um evento em Washington. Na época, ele tinha ido fazer alguma coisa de 5G e mandei um e-mail para chamar a atenção dele para fazer uma reunião"

concluiu essa etapa do processo. Em nota, o senador negou ter se encontrado com representantes da Vaxxinity na viagem que fez aos EUA em junho, bem como ter feito qualquer intermediação entre a fabricante e o Ministério da Saúde.

A reportagem procurou o laboratório americano para saber se havia iniciado tratativas com o governo brasileiro e se tinha alguma representação no País. A Vaxxinity foi categórica: comunicou nunca ter entrado em contato com o Ministério da Saúde e que ninguém da empresa mantém contatos com Stelvio Bruni Rosi. A empresa informou ainda que seu único representante no País chama-se Elcemar Almeida, cujo perfil nas redes sociais afirma ser o "presidente da Covaxx" (nome antigo da Vaxxinity). "Nenhuma pessoa associada à Vaxxinity jamais esteve em contato com Stelvio Bruni Rosi, nem com o senador Flávio Bolsonaro. Portanto, não temos conhecimento das informações contidas no e-mail citado, nem dessas supostas reuniões", diz a nota.

Além de advogado e empresário do ramo do turismo, Rosi também tem outros empreendimentos. Segundo ISTOÉ apurou, ele atua ainda como diretor operacional da Malugue Comércio Ltda, empresa do Rio de Janeiro que diz ser especializada na distribuição de equipamentos hospitalares. Criada em 2014, a Malugue opera no bairro da Saúde, no centro da cidade. Na fachada, não há qualquer placa ou sinalização que indique que a companhia realmente funciona naquele endereço. Também desperta suspeitas a quantidade de atividades secundárias informadas pela empresa à Receita Federal: vai desde o comércio de móveis, bolsas, malas, artigos de viagem, até peças para carros e caminhões novos e usados.

Ministério da Saúde
Gabinete do Ministro
Coordenação-Geral do Gabinete do Ministro
Divisão de Análise Técnica de Documentos Oficiais

DESPACHO

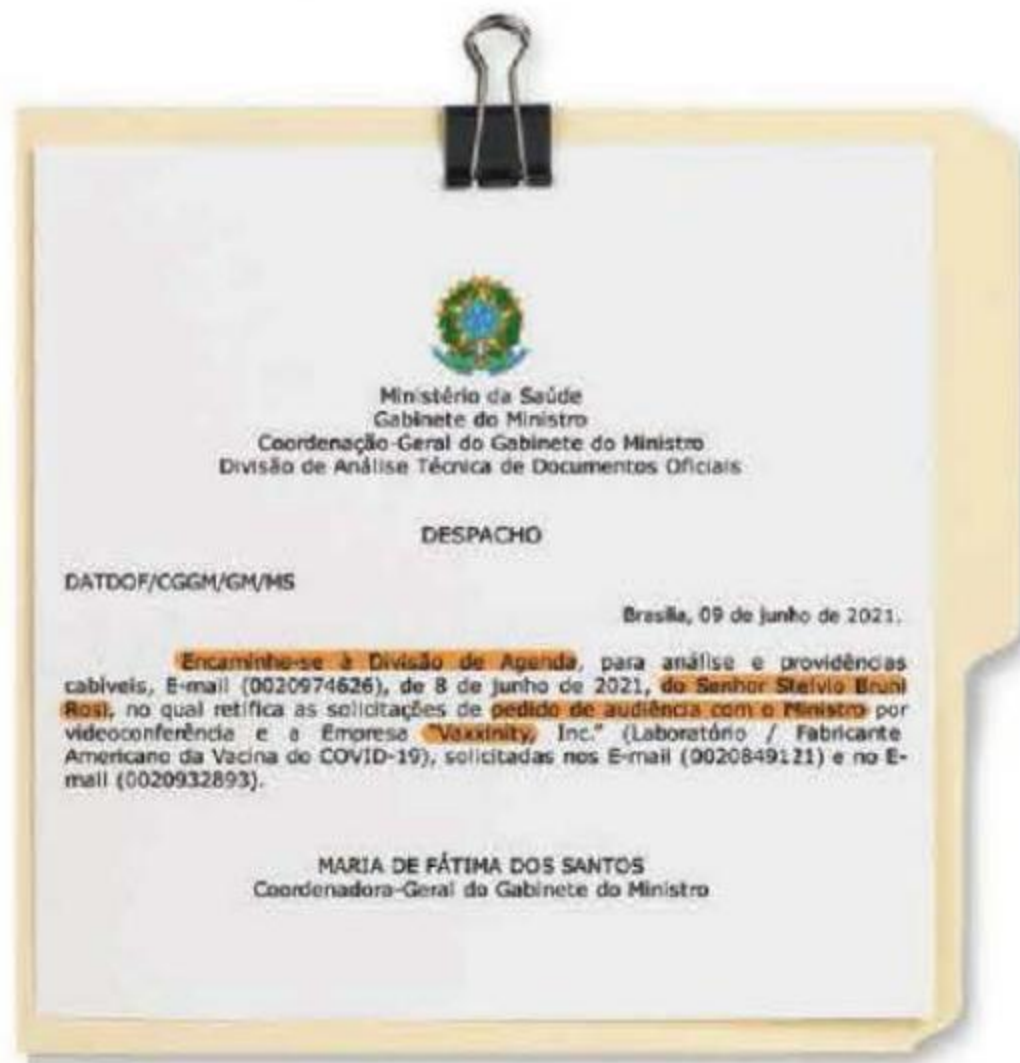
DATDOF/CGGM/GM/MS

Brasília, 09 de junho de 2021.

Encaminhe-se à Divisão de Agenda, para análise e providências cabíveis, E-mail (0020974626), de 8 de junho de 2021, do Senhor Stelvio Bruni Rosi, no qual retifica as solicitações de pedido de audiência com o Ministro por videoconferência e a Empresa "Vaxxinity, Inc." (Laboratório / Fabricante Americano da Vacina do COVID-19), solicitadas nos E-mail (0020849121) e no E-mail (0020932893).

MARIA DE FÁTIMA DOS SANTOS
Coordenadora-Geral do Gabinete do Ministro

O MISTERIOSO CORONEL GUEIROS

"Fechamos contrato com um dos maiores distribuidores de vacinas do mundo. Hoje, seguimos rigorosamente os critérios de condutas pré-definidos por ministérios de saúde dos países fabricantes e dos países compradores e está totalmente amparada para orientar e promover o processo de aquisição de diversas vacinas para combater a Covid-19", diz a empresa de Stelvio na internet. As informações não batem com o que ele contou à reportagem. "Quando essa coisa de vacina começou a abrir a possibilidade para a venda aos estados, prefeituras e iniciativa privada, a gente tentou fazer uma movimentação nesse sentido", disse Stelvio. "Só havia a AstraZeneca, que fazia contrato com governo , a Pfizer e a Coronavac. Na realidade, não tinha outro produto para se trabalhar." Minutos após essa entrevista, o site da Malugue foi misteriosamente retirado do ar. Stelvio, porém, não é o único diretor da Malugue. Além dele, figuram no corpo diretivo da empresa o já citado advogado Ricardo Horácio e o coronel da reserva do Exército Gilberto Gueiros.

Gueiros é uma pessoa conhecida da política fluminense. Foi presidente da Loterj na gestão do governador Wilson Witzel no Rio de Janeiro, ex-aliado de Bolsonaro que foi afastado do cargo por desvios na Saúde. Sob a gestão do coronel, a Loterj doou 450 ambulâncias a hospitais do Rio. A CPI da Covid abriu recentemente uma investigação para apurar denúncias de corrupção em contratos envolvendo hospitais fluminenses. Um dos nomes sob suspeita nessa apuração é exatamente o do senador Flávio, segundo confirmam fontes da CPI no Senado. Três pessoas ouvidas por ISTOÉ, entre as quais um advogado que já trabalhou para a família Bolsonaro no Rio, informaram que Gueiros é um velho conhecido do clã. O militar foi colega de Jair Bolsonaro na academia militar, quando ambos tornaram-se paraquedistas. O coronel Gueiros,

"Tentei fazer uma apresentação de uma empresa para um político que é filho do presidente do Brasil e que eu sabia que estava nos Estados Unidos"

"Um cara que eu conheço do setor de vendas da Vaxxinity pediu para ver se eu podia mandar um e-mail para o filho do presidente. Foi uma tentativa de organizar um encontro da empresa com ele"

inclusive, é alvo de um processo no Superior Tribunal Militar (STM) em que é réu por crimes de fraude em licitação e improbidade administrativa. A ação penal, que contou com investigações da Polícia Federal, apura suspeita de fraudes em licitações do Exército no ano de 2008.

O militar só chegou à presidência da Loterj graças à influência de Flávio. O senador pediu que um colega o indicasse para integrar a gestão Witzel. Quem fez a solicitação foi o líder do Avante na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (Alerj), o deputado Marcos Abrahão. Segundo parlamentares, Flávio e Abrahão são aliados. O nome de Abrahão aparece no mesmo relatório do Conselho de Controle de Atividades Financeiras (Coaf) que expôs o nome do 01 no conhecido esquema de rachadinhas em seu gabinete na Alerj. No caso do esquema montado por Flávio, as investigações indicam que o senador recebeu em torno de R$ 6 milhões dos salários dos servidores nomeados em seu gabinete. Abrahão chegou a ser preso no âmbito da Operação Furna da Onça, deflagrada pela Polícia Federal em 2018, que revelou o esquema das rachadinhas. Na casa do deputado estadual, a polícia encontrou R$ 53 mil em dinheiro vivo.

Uma das fontes a confirmar a relação entre a família Bolsonaro e o grupo Malugue é alguém que já foi próximo ao clã. Em uma conversa de cerca de 3 horas, no subsolo de um restaurante de São Paulo, esse antigo aliado do ex-capitão deu detalhes sobre esses vínculos e, em mais de um momento, fez alertas para o alto risco que envolve o que chamou de "organização criminosa". "Tome cuidado. É uma organização de alta periculosidade", afirmou, sob a condição de anonimato, por medo de represálias. Esse advogado relacionou o senador ao grupo do coronel Gueiros.

ACORDO O embaixador da Colômbia no Brasil, Dario Montoya (à dir.), visita o ministro Marcos Pontes: interesse por vacinas

Em nota, o Ministério da Saúde confirmou que iniciou tratativas com a Vaxxinity, mas informou ter decidido não comprar o imunizante por considerar que o Brasil já possuía vacinas suficientes. A pasta se recusou a comentar a participação do senador Flávio na operação. ISTOÉ, no entanto, teve acesso à íntegra do processo sobre o imunizante da Vaxxinity que tramita no ministério, com acesso restrito a apenas alguns servidores. O documento é revelador e deixa a história ainda mais misteriosa. Mostra não só que Rosi procurou o ministério antes de enviar a mensagem a Flávio, como também que a proposta teve alguns encaminhamentos de forma célere após a intervenção do senador. O primeiro e-mail enviado pelo diretor da Malugue ao ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, e que foi anexado ao processo da compra da Vaxxinity, tem data de 31 de maio. Seu teor sugere, porém, que as conversas entre eles já existiam há mais tempo. "De acordo com as nossas conversas, segue as informações solicitadas para o agendamento da Audiência/Reunião Online (Videoconferência) entre o Ministro da Saúde e a empresa "Vaxxinity, Inc." – www.vaxxinity.com (Laboratório / Fabricante Americano da Vacina do Covid-19/Antiga Covaxx and United Neuroscience do Grupo UBI – United Biomedical Inc.)", diz o texto assinado por Rosi.

Uma outra informação contida no documento desperta suspeitas de que as negociações envolviam outros países. No cabeçalho do processo, indicado como "interessado" no assunto, aparece o nome do embaixador da Colômbia no Brasil, Dario Montoya, que é próximo ao presidente colombiano Iván Duque Márquez, um dos aliados de Bolsonaro. Em visita recente ao Brasil, a vice-presidente desse país, Marta Lúcia Ramírez, disse que espera articular uma forma de trabalhar em conjunto com o governo Bolsonaro para produzir vacinas contra a Covid em seu território. "A Colômbia se concentrou em conseguir todas as vacinas aprovadas. Mas temos laboratórios de altíssimo nível, e nosso ministro da Saúde busca que a Colômbia possa, por exemplo, colaborar com o processo de embalagem das vacinas", disse. O caso, no entanto, já despertou a atenção da CPI do Senado e um dos integrantes do G-7, grupo que comanda a comissão, disse à ISTOÉ que o assunto deverá entrar na pauta das investigações. ■

FOTO: MARCIO NASCIMENTO/MCTIC

Grande Angular

"Delírios", diz juiz ao citar frase de Eduardo Bolsonaro sobre fechamento do STF

O juiz Ernane Fidelis Filho citou a polêmica declaração de Eduardo Bolsonaro em decisão sobre briga de condomínio

Política

Mourão d
manifesta
governo e
é 'fogo de

Home › Brasil

Arthur Lira: "As cordas f
na realidade paralela, de
de conta"

Redação O Antagonista

24.08.21 10:14

Política

A ex-presidentes, generais afastam apoio de Forças Armadas a golpe

De acordo com relatos recolhidos por Temer, FHC, Lula, Sarney e Collor, generais garantem que tropa não apoiaria ruptura democrática

O levante do B
contra o golpe

Política

A quartelada de 7 de setembro

Bolsonaro usa os policiais militares como força armada da milícia

BRASIL

Usuários das redes sociais combinam
vestir de preto no 7 de setembro

Segundo apoiadores, movimento nasceu como oposição ao pedido de Jair Bolsonaro para que apoiadores se vistam de verde e amarelo no feriado

FOTOS: REPRODUÇÃO; ISTOCKPHOTO

...o diz que
...estação a favor do
...no em 7 de setembro
... de palha'

...as foram esticadas
..., de faz

POLÍTICA

OAB aprova parecer contra pedido de impeachment de Alexandre de Moraes feito por Bolsonaro

Membros do MP cobram harmonia entre os Poderes e dizem que Senado possui instrumentos para defender a democracia

"Confrontos políticos e jurídicos entre autoridades políticas e judiciais não devem ser a tônica deste momento", defende associação de classe após presidente pedir impeachment do ministro do STF Alexandre de Moraes

...rasil

O presidente trata a manifestação de Sete de Setembro como uma virada rumo à ruptura institucional. Com isso, está unindo a sociedade. Justiça, Congresso, governadores, empresários e entidades se mobilizam pela democracia

Marcos Strecker

Mônica Bergamo

Grupo de juristas e advogados alerta para 'escalada de atos gravemente ofensivos' à democracia

Prerrogativas divulgou nota nesta segunda-feira (23)

...am de se

De uma coisa não se pode acusar Jair Bolsonaro: de ser imprevisível. Desde que tomou posse, ele tem sido sistemático em atacar as instituições democráticas. Logo deixou claro sua linha de ação: não tinha interesse em dialogar com os governadores, enxergava no STF um obstáculo às suas pretensões e não tinha interesse em nenhuma articulação com o Congresso. Trinta e dois meses depois, após superar dois terços do mandato, mantém exatamente a mesma atitude. Mas, com a economia naufragando, a popularidade despencando e o apoio político desaparecendo, não resta outra alternativa a não ser partir para o tudo ou nada. E esse momento virou a manifestação de apoiadores no Sete de Setembro.

Chamada para exigir o voto impresso nas eleições e o impeachment dos ministros do STF Alexandre de Moraes e Luís Roberto Barroso, ela se transformou na prática em um ensaio geral para o golpe. A data foi estabelecida pelo próprio presidente para dar a virada contra os limites impostos pela democracia. As redes bolsonaristas estão mobilizadas para um ato em larga escala com a presença de policiais militares, caminhoneiros, evangélicos e ruralistas. O que o presidente não imaginava é que sua insistência na ruptura institucional poderia unir o País contra as suas pretensões autoritárias. É o que está acontecendo.

O passo inicial, mais uma vez, coube ao STF. O ministro Alexandre de Moraes proibiu dez líderes que organizavam o ato de Sete de Setembro de se aproximar, no raio de um quilômetro, da Praça dos Três Poderes, de integrantes do STF e de senadores. Fez isso na mesma ação, pedida pela PGR, que mirou as ameaças feitas pelo deputado Ottoni de Paula (PSC) e pelo cantor Sérgio Reis. Há razões para essa ação firme. Setores bolsonaristas estão divulgando ameaças que incluem uma paralisação "total de caminhoneiros" e acampamento em Brasília. Com mapas detalhados da capital, grupos como a Coalização Direita Conservadora pedem contribuição em dinheiro e recebem inscrições. Até ameaças de invasão do Congresso, do STF e da embaixada da China circularam. Em sinal de desafio, o presidente da Associação dos Produtores de Soja (Aprosoja Brasil), Antônio Galvan, que foi alvo da PF, chegou à sede da corporação em Sinop (MT) cercado de tratores.

Há várias iniciativas nesse sentido para encorpar o ato de Sete de Setembro. As que mais preocupam envolvem policiais militares, cooptados por Bolsonaro desde o início do mandato. É o caso do coronel reformado da PM paulista Ricardo Araújo, que Bolsonaro nomeou como presidente da Ceagesp, entreposto na capital de São Paulo. Ele postou um vídeo usando uma camisa com a identificação da Rota, batalhão que já comandou, conclamando os policiais a participarem do ato para "impedir a entrada do comunismo no Brasil". Mais grave, o chefe do comando de sete batalhões da PM no interior de São Paulo, Aleksander Lacerda, atacou nas redes sociais o presidente do Senado e o próprio governador João Doria. Há mobilizações de policiais em pelo menos outros cinco estados: Rio, Santa Catarina, Espírito Santo, Ceará e Paraíba. Ainda é incerto qual o efeito que essa mobilização vai produzir. O presidente da Federação Nacional de Entidades de Oficiais Militares Estaduais (Feneme), o coronel da reserva da PM catarinense Marlon Teza, disse que "não vê nas PMs nenhuma hipótese de insubordinação ou ruptura além de atitudes isoladas". Mas policiais militares do interior paulista como Campinas, Presidente Prudente, Ribeirão Preto e Bauru se organizam para comparecer à manifestação. Um dos líderes da ação é o deputado Coronel Tadeu (PSL-SP), que afirma já haver pelo menos 50 ônibus alugados pela categoria. Esses militantes das PMs prometem se apresentar à paisana e não carregar armas, mas o risco é que incidentes isolados degenerem em conflitos maiores,

"DENÚNCIA SEM FUNDAMENTO"
A OAB divulgou um parecer afirmando que o pedido de impeachment do ministro Alexandre de Moraes, apresentado por Bolsonaro, não tem fundamento jurídico

REAÇÃO
Governadores se reuniram no dia 25 e discutiram o risco de insubordinação nas PMs

criem a sensação de insegurança e sirvam de pretexto para o discurso de "restabelecer a ordem". É o sonho de Bolsonaro, semear a convulsão social e usá-la como pretexto para usar as Forças Armadas a favor de um golpe branco. Os estados reagem a essa ameaça. O risco de rebelião nas PMs foi discutido por 25 governadores que se reuniram na segunda-feira, 25. Doria, que liderou uma reação firme ao afastar o coronel Aleksander assim que soube do ato de insubordinação, alertou os colegas. Ele apostava em um documento comum condenando o presidente pelas ameaças ao STF e ao TSE. Mas a proposta foi vetada pelos governadores bolsonaristas Romeu Zema (Novo-MG), Ronaldo Caiado (DEM-GO) e Carlos Moisés (PSL-SC). No seu lugar, foi aprovado um convite aos chefes dos Poderes para encontros com o objetivo de diminuir a instabilidade política. Foi uma reação comedida, mas que aponta a insatisfação contra a escalada do presidente. Um grupo de 14 governadores já havia divulgado, dias antes, um documento de solidariedade ao STF "em face de constantes ameaças e agressões" à Corte.

Enquanto os governadores tentavam uma nova pacificação, Bolsonaro rejeitava o diálogo. Voltou a culpar os gestores pelas consequências da pandemia e pela crise econômica. Também compartilhou a imagem de Galvan, presidente da Aprosoja Brasil, chegando para prestar depoimento à PF de trator. Além de não recriminar os excessos e ameaças dos organizadores do Sete de Setembro, avisou que vai participar em Brasília e na avenida Paulista, em São Paulo. Após a decisão judicial de desmonetizar os sites pró-golpe que organizavam o ato, voltou a atacar a Justiça por "esticar a corda". "Não está arrebentando, arrebentou ", disse sobre a tensão com o TSE e o STF. Esses arroubos causam preocupação, já que o presidente declarou que "não pretende sair das quatro linhas da Constituição", mas ao mesmo tempo avisa que "o momento está chegando". Além da balela de usar a interpretação excêntrica do artigo 142 da Constituição, que transformaria o Exército em Poder moderador sob as ordens

COOPTAÇÃO
Bolsonaro fala a cadetes na Academia Militar das Agulhas Negras

FOTOS: REPRODUÇÃO; RENATO ALVES/AGÊNCIA BRASÍLIA; MARCOS CORRÊA/PR

ESCALADA GOLPISTA
Bolsonaristas se mobilizam para o ato de Sete de Setembro: entre as ameaças, invasão do Congresso, do STF e da Embaixada da China

RECADO O comandante do Exército, Paulo Sérgio Nogueira de Oliveira, disse que o Exército está comprometido com "a tranquilidade e a estabilidade do País"

do chefe do Executivo, o governo também avalia nos bastidores usar a Força Nacional de Segurança à revelia dos governadores, o que também já foi refutado pelo STF. Ou seja, ao mesmo tempo em que estimula escaramuças nas ruas e a insubordinação das polícias contra os governadores, o presidente também conta usar a Força Nacional para "o controle da ordem e da paz". É preciso desenhar a estratégia que Bolsonaro segue para a ruptura?

Não há nenhuma surpresa nessa reação do mandatário. Suas investidas são metódicas e fazem parte da tática de morde e assopra contra as instituições. A diferença é que ele já começa a estimular o "ensaio geral" do golpe porque está ficando sem opções para continuar no poder além de 2022. Por isso, está unindo diversos setores contra ele. A Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) divulgou um documento afirmando que o pedido de impeachment de Alexandre de Moraes não tinha fundamento jurídico. O parecer concluiu que pela "inexistência de crimes de responsabilidade imputáveis ao ministro". A lei do impeachment faculta a qualquer cidadão o direito de protocolar tal pedido no Congresso, mas essa iniciativa vindo do chefe do Executivo constitui um abuso, apontou a entidade. A Associação Nacional dos Membros do Ministério Público (Conamp) também divulgou nota em defesa da harmonia entre os Poderes.

Dez ex-ministros da Justiça e da Defesa pediram ao presidente do Senado que rejeite o pedido de impeachment contra Moraes. Em termos duros, afirmaram que Bolsonaro tenta fragilizar o Judiciário e "segue o roteiro de outros líderes autocratas ao redor do mundo". Da mesma forma, dez partidos de centro e de esquerda também se manifestaram contra a iniciativa do presidente. O grupo Prerrogativas, que inclui juristas, advogados e ex-membros do Ministério Público em grande parte alinhados com o PT, alertou para a "escalada de atos gravemente ofensivos" à democracia. Até os grandes empresários que evitam participar do embate polí-

DESAFIO Convocado pela PF para explicar declarações golpistas para o Sete de Setembro, o ruralista Antônio Galvan, da Aprosoja Brasil, comparece com apoiadores e tratores

no Oliveira @AlbanodeOlivei3 · Aug 23 ···
rte chamado, o Coronel Mello Araujo, presidente da Ceagesp/SP
oca os Veteranos da Polícia Militar de São Paulo a participar das
festações pelo **7 de setembro.**

Arqueira Jô **17.201** @MariaJo72886964 · Aug 24 ···
Hoje o Presidente Jair Bolsonaro deu um recado muito importante para todo o Brasil, confirmando sua presença nos atos de **7 de Setembro** em Brasília e também em São Paulo.

EUS, PÁTRIA E FAMÍLIA) @Marco... · Aug 23 ···
ir que MILHÕES de Sérgios Reis. Invadam as ruas
o seu Berrante, no dia **7 de Setembro**; em prol de
s grandes perseguições, que as nossas forças são
que o filho teu não foge a luta!!!

tico se mobilizam para defender a democracia. É o que demonstrou o recente manifesto de pesos-pesados do PIB a favor do sistema eleitoral.

Mas a principal resposta veio do presidente do Senado, Rodrigo Pacheco. Ele rejeitou formalmente o pedido de impeachment de Moraes. "Quero crer que essa decisão possa constituir um marco de reestabelecimento das relações entre os Poderes, pacificação e união nacional", disse ao ler o arquivamento do pedido no plenário. A rejeição quase unânime da comunidade jurídica ao pedido de afastamento do ministro do STF já tinha feito Bolsonaro hesitar em seus ataques ao seu outro alvo na Corte, o ministro Luís Roberto Barroso. Em outra derrota para o presidente, o ministro Edson Fachin rejeitou a ação em que o governo pedia a anulação do artigo do regimento interno do STF que permite a instauração de inquéritos "de ofício", sem um pedido do MPF. É o caso das principais ações que atormentam o presidente, como os inquéritos das Fake News.

Se o Judiciário e o Congresso fecharam as portas para o avanço golpista, restou ao presidente contar com os militares. Mas não há clima para um apoio ostensivo das Forças Armadas a Bolsonaro no Sete de Setembro. Apesar do barulho pró-Bolsonaro nas associações de militares reformados, entre os generais da ativa ou entre os oficiais de alta patente que mantêm influência sobre a caserna, não há espaço para nenhuma aventura, por mais que o presidente se esforce em agradá-los ou turbine os soldos. Em um movimento discreto, cinco ex-presidentes têm mantido contato para sentir o pulso dos quartéis, diretamente ou por meio de seus antigos auxiliares: Michel Temer, Fernando Henrique Cardoso, José Sarney, Lula e Fernado Collor. Eles ouviram que a disposição entre os militares é respeitar o processo eleitoral e aceitar qualquer resultado que sair das urnas, apesar da interferência constante do presidente. Talvez por isso o próprio comandante do Exército, general Paulo Sérgio Nogueira de Oliveira, tenha expressado uma mensagem equilibrada em um discurso durante cerimônia do Dia do Soldado na quarta-feira, 25, último grande evento militar antes de Sete de Setembro (não estão previstos desfiles no dia da Independência por causa da pandemia). De máscara, ele manifestou o compromisso das tropas com "a tranquilidade e a estabilidade do País".

O ministro Luís Roberto Barroso expressou o incômodo com a cacofonia de vozes pela ruptura. "As pessoas me perguntam se tem risco de golpe. Gosto de dizer que não, e acho que não, mas o número de vezes que me perguntam isso começa a me preocupar", disse o presidente do TSE. O clima de polarização e de insurreição crescente cultivado por Bolsonaro embute riscos, mas pode, afinal, traduzir apenas os últimos suspiros de um político que vê seu poder escapar pelos dedos das mãos. A firmeza das instituições e a serenidade da população são contrapontos contundentes para desarmar suas pretensões golpistas. Bolsonaro apostou em uma virada no Sete de Setembro para salvar seu mandato. O evento pode representar, ao contrário, seu canto do cisne. ■

FOTOS: REPRODUÇÃO

O marqueteiro do caos

Propagandista da ultradireita americana, Steve Bannon reforça seus negócios com o Brasil e ajuda o deputado Eduardo Bolsonaro a espezinhar a urna eletrônica mundialmente *Vicente Vilardaga*

RADICAL Bannon trabalha contra a globalização, mas quer se globalizar

Um dos principais articuladores do movimento ultradireitista mundial, o marqueteiro Steve Bannon, chefe da campanha que elegeu Donald Trump, chamou a atenção para a atual ordem de prioridades de seu trabalho político. E a primeira delas é o Brasil. No evento Cyber Symposium, em Dakota do Sul, organizado para questionar o resultado das eleições norte-americanas, no último dia 12, Bannon desfiou mentiras sobre as urnas eletrônicas e enalteceu o presidente Jair Bolsonaro e seu filho 03, o deputado federal Eduardo Bolsonaro (PSL-SP), palestrante do encontro. Deu também indicações de que trabalha duro contra a democracia brasileira e morre de medo de Lula. Bannon se sente uma alma gêmea da família Bolsonaro e está disposto a se envolver com a eleição majoritária no País, em 2022. Ele se alimenta do supremacismo branco e destaca o globalismo como o grande mal da humanidade. Em 2020, foi preso, acusado de fraude. Pagou fiança e agora responde ao processo em liberdade.

Eduardo Bolsonaro participou do evento nos Estados Unidos a convite de Bannon e de Mike Lindell, outro ativista político conservador. O filho do presidente aproveitou a oportunidade para esculachar o sistema eleitoral brasileiro, um dos melhores e mais seguros do mundo. Numa fala mentirosa e vitimista, lamentou que, desde 1996, o Brasil tenha perdido "o direito de contagem pública dos votos" por causa da automação e acusando vulnerabilidades imaginárias no sistema. A revista americana The New Republic publicou que Bannon quer fazer do Brasil o novo campo de batalha do MAGA, o lema da campanha de Trump, sigla da expressão em inglês "make America great again". E, pela sua lógica, para aplicar essa ideia ufanista por aqui, é necessária uma eleição com votos impressos. "Se nós usarmos cédulas de papel ganharemos todas as eleições nos próximos 100 anos", declarou no Cyber Symposium. Afirmou também na conferência que "Eduardo e o pai vão enfrentar o esquerdista mais perigoso do mundo, Lula". E cravou que Bolsonaro ganha, "a não ser que seja roubado pelas máquinas". A Polícia Federal já detectou os avanços de Bannon sobre a democracia brasileira e monitora seus movimentos no âmbito dos inquéritos das milícias digitais e das fakenews, autorizado pelo ministro do STF Alexandre de Moraes. O americano trabalha para criar um movimento internacional de ultradireita. Nos últimos anos circulou bastante pela Europa, mas agora sua prioridade é o Brasil. Embora seja contra a globalização, o marqueteiro do caos quer se globalizar. ■

FAKE NEWS Estratégia do filho 03 está alinhada com o supremacismo branco e voto impresso

FOTOS: ALESSANDRO BIANCHI/REUTERS; DANIEL MARENCO

Diplomacia em estado de alerta

Comportamento de Bolsonaro preocupa representações estrangeiras no País e diplomatas temem uma ruptura institucional

Taísa Szabatura

O embaixador da China no Brasil, Yang Wanming, é o mais vocal entre os profissionais das relações exteriores quando o assunto é a preocupação com o caos do governo Bolsonaro. Wanming usa o Twitter para mandar indiretas ou até criticar abertamente a presidência. Quando Roberto Jefferson foi preso por seus constantes ataques à democracia e ao próprio embaixador, ele escreveu em um tom enigmático: "Lindo dia". Após comentários negativos sobre a China feitos pelo deputado Eduardo Bolsonaro, usou o perfil da embaixada para escrever: "quem insiste em atacar e humilhar o povo chinês acaba sempre dando um tiro no próprio pé".

"Quem insiste em atacar e humilhar o povo chinês acaba sempre dando um tiro no próprio pé"
Yang Wanming, embaixador da China

Apesar de não falarem em público, outras representações estrangeiras começam a sentir o medo do que se aproxima. A ameaça de golpe militar por parte do governo ficou mais real depois que o presidente colocou tanques nas ruas de Brasília, fora o que o mandatário arquiteta para o feriado de Sete de Setembro. Em um grupo de whatsapp de diplomatas brasileiros ao qual a ISTOÉ teve acesso, os profissionais do Itamaraty relatam exasperação e vergonha nas suas relações com os colegas de outros países. O ex-embaixador do Brasil nos Estados Unidos, Rubens Ricupero, diz que o comportamento do presidente "transmite uma imagem de precariedade no País".

O clima de "o Brasil não ter amigos" relatado pelos diplomatas é real. Os antigos parceiros de Bolsonaro, Donald Trump e Benjamin Netanyahu, não estão mais no poder. O presidente Joe Biden mandou o assessor de Segurança Nacional da Casa Branca, Jake Sullivan, ao Brasil para discutir a "democracia" como tema principal. "Ressaltamos a importância de não desacreditar o processo eleitoral porque não há indícios de fraude nas eleições anteriores", declarou a Casa Branca após a visita de Sullivan. Preocupados com o assunto, os EUA convocaram uma "Cúpula para a Democracia", que acontecerá em dezembro. A pauta será a defesa contra o autoritarismo, o combate à corrupção e o respeito aos direitos humanos. O Brasil de Bolsonaro, que não tem familiaridade com os temas, ainda não foi convidado. "Acredito que os americanos estão esperando os acontecimentos das próximas semanas para decidir o que será feito", diz Ricupero. ■

PRESSÃO Assessor de segurança de Biden, Jake Sullivan, veio ao Brasil para discutir a situação da democracia

FOTOS: ADRIANO MACHADO/REUTERS; EVAN VUCCI/AP PHOTO

A xerife contra as milícias digitais

Denisse Ribeiro, delegada que chefia a investigação sobre os ataques às instituições democráticas, já atuou em casos de corrupção e tráfico de mulheres

André Lachini

PODEROSA Denisse Ribeiro: pioneira na aplicação da delação premiada, agora ela ataca delinquentes que agem online

As milícias digitais bolsonaristas e os grupos que atacam a democracia encontraram pela frente uma adversária de peso: a delegada Denisse Dias Rosas Ribeiro, escalada pelo ministro Alexandre de Moraes, do STF, para conduzir os dois inquéritos que investigam essas organizações. Em 13 de agosto, ela prendeu o ex-deputado federal e presidente do PTB, Roberto Jefferson, por ameaças aos ministros do STF. Recentemente, solicitou que repasses de dinheiro para canais que espalham fake news fossem suspensos — e foi atendida pelo ministro Luís Felipe Salomão, do TSE.

O primeiro inquérito dos ataques contra a democracia foi encerrado após pedido do Procuradoria Geral da República, Augusto Aras. O ministro Alexandre de Moraes, no entanto, abriu novo processo para investigar as milícias digitais. Nesse inquérito, a PF analisa contas falsas derrubadas pelo Facebook que seriam do senador Flávio Bolsonaro (Patriotas-RJ) e do vereador carioca Carlos Bolsonaro (Republicanos). Segundo Moraes, os elementos levantados pela PF indicam "a existência de uma verdadeira organização criminosa." O inquérito atual, também conduzido pela delegada Denisse, tem prazo de 90 dias de diligências, ou seja, pode se estender até outubro. De acordo com esse prazo, portanto, a investigação poderá recolher provas e evidências nas manifestações bolsonaristas programadas para o Sete de Setembro, sobretudo pelos meios digitais.

Ela foi a primeira mulher a integrar o Comando de Operações Táticas da Polícia Federal, a "Swat brasileira"

Denisse é conhecida pela sua experiência na Polícia Federal. Entrou como agente em 2005 e foi a primeira mulher a integrar o Comando de Operações Táticas (COT), unidade de elite treinada conhecida como "Swat brasileira" e que atua em casos de narcotráfico internacional e terrorismo. Ser admitida no grupo é tarefa para poucos: menos dos 40% dos candidatos são aprovados. Em 2014, Denisse passou no concurso para delegada e mudou-se para Roraima, onde desmantelou uma quadrilha que traficava mulheres venezuelanas para a prostituição em Boa Vista, na chamada Operação La Sombra. Graças a sua atuação, foram liberdatadas 16 mulheres. Em 2016, de volta ao Distrito Federal, destacou-se na Operação Acrônimo, onde foi responsável pela primeira delação premiada assinada pela PF. O alvo era a diretora de uma agência de publicidade suspeita de manter caixa dois para o então governador de Minas Gerais, Fernando Pimentel (PT). Com a escalada da crise política e as dúvidas geradas pelo embate entre as instituições, a delegada Denisse tem uma única certeza: ela terá um longo caminho pela frente. ■

FOTO: REPRODUÇÃO

SESI SENAI
PELO FUTURO DO TRABALHO
CNI
Confederação Nacional da Indústria
PELO FUTURO DA INDÚSTRIA
apresentam
Profissões para a economia do futuro
Estudo inédito aponta carreiras emergentes, como a de segurança cibernética, crucial em setores transformados pela digitalização
▾ ARTIGO
Robson Andrade, presidente da CNI:
Uma realidade exigente, mas fascinante

Milhares de postos de trabalho a ocupar

ESTUDO INÉDITO MOSTRA QUAIS SÃO AS PROFISSÕES COM ALTO CONTEÚDO TECNOLÓGICO E DIGITAL QUE VÃO DEMANDAR MILHARES DE NOVOS PROFISSIONAIS NOS PRÓXIMOS DEZ ANOS

As grandes transformações pelas quais o mundo vinha passando nas primeiras décadas deste século 21 foram potencializadas pelo contexto pandêmico. Se, antes, a digitalização era uma imposição da 4ª Revolução Industrial, agora a aposta é de que a recuperação socioeconômica do Brasil precisa ser construída com base em um novo modelo de desenvolvimento que concilie, além de tecnologia, fatores sociais, ambientais e econômicos.

Na esfera profissional, elementos como a inteligência artificial e os algoritmos substituirão diversas atividades rotineiras e não cognitivas, resultando em uma mudança no perfil nos postos de trabalho. "Isso não significa que vai acabar o emprego. O que está acontecendo é que será necessário requalificar muita gente que está no meio do percurso da sua vida profissional. Há um debate em torno disso em todo o mundo e no Brasil não será diferente", explica o diretor-geral do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), Rafael Lucchesi.

Levantamento realizado pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) estima que, em até 20 anos, 65% das atividades desenvolvidas pelas pessoas serão parcialmente ou totalmente automatizadas. Com isso, entre 3% e 14% dos empregos hoje existentes serão completamente extintos. Na outra ponta, contudo, o Fórum Econômico Mundial avalia que, até 2025, serão criados 97 milhões de empregos relacionados às transformações tecnológicas, sendo 1,7 milhão ainda em 2021 e outros 6,1 milhões até o ano que vem.

Algumas das profissões mais demandadas nos próximos anos serão as de condutor de processos robotizados, de engenheiro de exoesqueletos de propulsão, de *expert* em digitalização industrial e de gestor de economia circular

▲
"Será necessário requalificar muita gente que está no meio do percurso da sua vida profissional", diz Rafael Lucchesi, diretor-geral do SENAI

A virada de chave entre postos de trabalho fechados e o surgimento de novas vagas está diretamente relacionada ao novo perfil do profissional buscado pelo mercado de trabalho e às novas (e emergentes) profissões fundamentadas na digitalização de todos os setores da economia.

Além das profissões que surgiram nesse novo contexto, muitas outras que já existiam incorporaram termos – como "digital" ou "dados" – aos seus nomes, segundo o estudo *Profissões Emergentes na Era Digital: Oportunidades e desafios na qualificação profissional para uma recuperação verde*, realizado pela Agência Alemã de Cooperação Internacional (GIZ – *Deutsche Gesellschaft für Internationale Zusammenarbeit GmbH*) em parceria com o SENAI e com o Núcleo de Engenharia Organizacional (NEO) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

O relatório identifica tendências e profissões emergentes no curto (2 anos), médio (5 anos) e longo (10 anos) prazos em quatro grandes setores impactados pela digitalização: Software e Tecnologia da Informação (TI); Indústria de Transformação e Serviços Produtivos; Agricultura; e Saúde. Entre as ocupações de destaque estão a de programador, analista de segurança cibernética, *expert* em digitalização industrial, empreendedor digital, engenheiro agrônomo digital e engenheiro de dados da saúde.

Ao todo, foram identificadas 12 profissões emergentes no setor de Software e TI, 19 no de Transformação e Serviços, 8 no de Agricultura e 14 no setor de Saúde. Analisando a demanda em relação à formação profissional, o estudo constatou que as maiores lacunas percentuais estão na Agricultura, enquanto as maiores demandas nominais por novos trabalhadores digitais estão no setor de Transformação e Serviços.

A formação dessa mão de obra, contudo, ainda é um desafio. Na área de TI, por exemplo, a estimativa é de que, em 10 anos, sejam necessários 83 mil especialistas em segurança digital, mas a previsão é de que apenas 15,2 mil profissionais nessa área sejam formados até lá. Já na indústria de transformação e serviços produtivos, a expectativa para os próximos dois anos é de uma demanda de 401 mil profissionais ante os 106 mil que deverão estar disponíveis.

De acordo com o diretor do SENAI, a solução para essas lacunas passa pela correção do nosso sistema educacional. "Temos uma escola do século 20 e precisamos ter uma escola do século 21. Há todo um pacote de novas tecnologias que redefine o mundo do trabalho, e nossa matriz educacional precisa dialogar com ele", diz Lucchesi.

PROFISSIONALIZAÇÃO

No Brasil, ainda é muito pequeno o contingente de jovens que fazem educação técnico-profissional: cerca de 11%. Para se ter uma ideia, entre os países que integram a OCDE, a média é de 41%, sendo que algumas nações atingem índices

muito maiores, como a Finlândia (72%) e a Áustria (75%). O índice brasileiro é baixo, mesmo quando comparado com países vizinhos, como o Chile (16%) e a Colômbia (27%).

Para a professora da FGV-RJ e diretora do Centro de Excelência e Inovação em Políticas Educacionais (CEIPE-FGV), Claudia Costin, "é preocupante quando a educação acha que seu objetivo não é formar para o mundo do trabalho, mas formar para a vida, como se esta excluísse o trabalho".

Ela ressalta que indivíduos que não são formados para o trabalho não são emancipados e que a educação precisa estar atenta às constantes transformações do mercado. "Quando um país se recupera de crises que geraram desemprego, não significa que as pessoas que estavam empregadas voltam para suas antigas funções, porque muitas delas foram substituídas por inteligência artificial ou automação. É preciso preparar a juventude para as novas profissões".

Para o sociólogo e membro da Academia Brasileira de Ciências (ABC), Simon Schwartzman, a estrutura educacional do Brasil não está preparada para atender a

essa demanda. Será necessário que o setor produtivo trabalhe junto às instituições educacionais, públicas e privadas, para formar pessoas com tais competências. Dificilmente o setor educacional sozinho saberá como fazer isso, diz ele.

NOVO ENSINO MÉDIO

Recentemente, o Ministério da Educação anunciou o cronograma de implementação do novo ensino médio, que contempla medidas como a ampliação da carga horária e uma nova estrutura curricular, com itinerários formativos por meio dos quais os estudantes podem se aprofundar em uma ou mais áreas de conhecimento e/ou na formação técnica e profissional. Essa implementação ocorrerá de forma gradual, com início em 2022 para o primeiro ano do ensino médio, em 2023 para o segundo ano e em 2024 para o terceiro.

A medida, válida para todas as escolas públicas e particulares do país, tem como objetivo tornar o ensino médio mais atraente para os jovens e, consequentemente, reduzir a evasão de estudantes nesse nível de ensino. Como explica Schwartzman, "a esperança é de que esse abandono seja reduzido ao tornar o ensino médio mais acessível e motivador do que os cursos tradicionais, e também mais prático, proporcionando uma perspectiva mais clara de profissionalização".

O maior espaço conferido à profissionalização no novo ensino médio também é apontado como uma mudança positiva pelo diretor do SENAI, Rafael Lucchesi. Para ele, essa aproximação contribui para dar uma identidade social a todos os indivíduos. "O sistema anterior, academicista, era orientado como se todos os alunos do Brasil fossem para a universidade, enquanto apenas cerca de 20% dos jovens seguem estudando após o ensino médio. Os outros 80% vão para o mundo do trabalho sem nenhuma profissão".

Além disso, como sintetiza Sergio Paulo Gallindo, presidente da Associação das Empresas de Tecnologia da Informação e Comunicação e de Tecnologias Digitais (Brasscom), "estamos diante da geração imediatista dos *millennials*. Se eles não identificarem conexão entre a formação educacional e a vida deles, vão desistir e procurar outra coisa".

ENTRAVES

Além de reter os estudantes, especialistas alertam para outro desafio que precisa ser enfrentado pela educação profissional no Brasil: o preconceito. Segundo Claudia Costin, a discriminação contra a profissionalização é algo que vem de muito tempo e da nossa relação com o trabalho não estritamente intelectual.

"Trata-se de uma visão elitista e desconectada do mundo. No surgimento dos antigos liceus de artes e ofícios, dizia-se explicitamente que eram para a população pobre, para dotá-la de alguma profissionalização. Hoje, esse preconceito se sofisticou e o problema ocorre de duas formas: a ideia de que a profissionalização não faria sentido e a de que os cursos técnicos deveriam ser mais parecidos com o ensino médio regular, pois, como oferecem uma boa aprendizagem, podem servir como preparatórios para a educação superior".

Para Claudia Costin, a solução passa pela valorização dos jovens que querem ter uma carreira técnica ou que pretendem seguir uma trajetória a partir dos conhecimentos adquiridos no curso técnico. "Uma alternativa seria fazer aqui algo parecido com o que a Coreia do Sul implementou. Lá, na região que seria o Vale do Silício deles, existe um ensino médio voltado para a tecnologia de ponta. Quem faz esse ensino técnico e fica três anos na área não precisa fazer o temido vestibular coreano para entrar nas engenharias correspondentes ao curso técnico frequentado".

Destacar a perspectiva de trabalho e renda no curto prazo, criada pelo ensino técnico, é a aposta de Simon Schwartzman para combater o ainda baixo interesse dos brasileiros pela formação técnica. "Muitos não podem esperar 4 ou 5 anos para obter um

título superior e só então entrar no mercado de trabalho. Além disso, a educação profissional não é um beco sem saída. As pessoas que optarem por uma formação profissional podem continuar se aperfeiçoando, inclusive no ensino superior, se assim desejarem", pondera Schwartzman.

TECNOLOGIA

Mesmo sendo uma área na qual os salários não param de crescer, assim como as ofertas de vagas, o setor de Software e TI está diante de uma situação difícil, pois prevê que, em 10 anos, algumas profissões emergentes vão apresentar *déficits* que chegam a 80% entre a demanda e a quantidade de profissionais qualificados disponíveis no mercado. Isso ocorre em um país que enfrenta sua maior crise de desemprego da história, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), com 14,7% da população em idade para trabalhar desempregada.

Para o presidente da Brasscom, tanto a implementação do novo ensino médio quanto a abertura de mais cursos técnicos são medidas essenciais para que esse quadro seja revertido. Contudo, ele alerta para outros fatores que precisam ser revistos e/ou trabalhados no país, como a prática de *bullying*.

"A gente tem uma hipótese de que o assédio moral – o *bullying* – nas instituições de ensino, em especial nas escolas de nível médio, faz com que muitos estudantes se desinteressem pela área porque não se enxergam naquele lugar. Essa percepção é reforçada por estatísticas como as das olimpíadas de matemática voltadas para o ensino fundamental. Ali praticamente não existe segregação de competências e todos têm uma certa proficiência muito equivalente. Por que no final do ensino médio esse negócio desanda? Precisamos entender esses fenômenos psicológicos para dissolver esse movimento", avalia Gallindo.

O representante do setor de TI chama a atenção, ainda, para a defasagem dos currículos dos cursos técnicos e das graduações e a necessidade de ampliação das políticas públicas de acesso à educação superior.

▲ Para a professora Claudia Costin (FGV-RJ), a educação deve preparar as pessoas para o mercado de trabalho, não só "para a vida, como se esta excluísse o trabalho"

A formação de professores, a criação de novos cursos e a revisão dos currículos educacionais estão entre as recomendações apontadas no relatório sobre profissões emergentes na era digital.

Segundo o documento, a inserção de novas disciplinas nos currículos, alinhadas a conceitos como digitalização, novas tecnologias, economia circular, gestão ágil de projetos, trabalho em equipe e resolução de problemas, pode trazer grandes benefícios sem impactar demais a estrutura educacional existente. "Driblando a rigidez dos currículos atuais, disciplinas eletivas e transversais focadas em projetos digitais podem ser uma alternativa", defende o texto.

De acordo com especialistas, essas questões estão, de certa forma, contempladas

▲ "Se eles [*millennials*] não identificarem conexão entre a formação educacional e a vida, vão desistir e procurar outra coisa", pensa Sergio Paulo Gallindo (Brasscom)

tanto no novo ensino médio quanto na nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC), instrumento que define o conjunto de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da educação básica. O maior entrave, contudo, estaria na educação superior.

Na visão do diretor presidente da Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior (ABMES), Celso Niskier, essa rigidez imposta pela regulação educacional tem atrasado o desenvolvimento e a implementação de novos cursos e metodologias formativas em diversas áreas, especialmente naquelas que demandam maior atualização e inovação.

"As metas do Plano Nacional de Educação (PNE) estão cada vez mais distantes de serem alcançadas, existe um descompasso entre a demanda e a oferta por profissionais e a educação superior segue presa a amarras regulatórias incompatíveis com o atual contexto socioeconômico e com as necessidades do mercado de trabalho. Hoje, uma instituição de educação superior que investir em um currículo moderno e inovador pode ser penalizada pelos órgãos reguladores ou pelo resultado dos seus estudantes no Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade), fortemente pautado por diretrizes e conteúdos agarrados ao século passado", diz Niskier.

Ele explica que a expectativa do setor particular de educação superior, responsável por 75% das matrículas nesse nível educacional no país, é de que o Ministério da Educação flexibilize alguns pontos e conceda maior autonomia às instituições. Assim sendo, elas poderão, inclusive, trabalhar de acordo com a realidade dos locais onde estão inseridas e não dentro de padrões estabelecidos para um país tão diverso como o Brasil. "De forma alguma somos contra a regulação. O que defendemos é que ela passe a ser uma aliada no desenvolvimento de uma educação que dialogue com as necessidades e especificidades deste século 21".

Nessa mesma linha, Claudia Costin argumenta que o erro não é a questão regulatória em si, mas a forma como ela tem sido conduzida. "Não é um erro estabelecer padrões; eles existem em todos os países com bons sistemas educacionais. O que precisamos é de padrões mais inteligentes e flexíveis. Tem de haver algum consenso sobre o que um profissional de determinada área deve saber, mas há que existir também um espaço aberto para inovações, de como conectar os saberes que proporciono no meu curso".

EXPECTATIVAS

Apesar dos desafios, tanto o setor de tecnologia quanto especialistas em educação acreditam na capacidade do Brasil de formar e requalificar os profissionais necessários para um mercado transformado digitalmente, ainda que isso não ocorra na

velocidade desejada. Esse otimismo passa por aspectos que vão desde o desempenho dos ensinos médio e profissionalizante nos últimos anos até a percepção de que gestores públicos e professores estão comprometidos com a transformação que precisa ser feita.

Dados do último Censo da Educação Básica, realizado anualmente pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), mostram que, em 2020, foram registradas 7,6 milhões de matrículas no ensino médio, número 1,1% superior ao verificado em 2019. Esse crescimento, ainda que discreto, interrompe a tendência de queda observada entre 2016 e 2019, quando houve redução de 8,2%. Ainda é incerto, contudo, o efeito da pandemia sobre o comportamento dessas matrículas nos próximos anos.

Já o presidente da Brasscom conta que tem tido interlocuções frequentes com o Ministério da Educação no sentido de reforçar as competências que precisam ser desenvolvidas nos estudantes. A instituição também se comprometeu a contribuir com a revisão das grades curriculares a cada três anos. Em outra frente, a Brasscom tem dialogado com reitores e docentes dos Institutos Federais de Educação (IFEs). "Estou muito satisfeito com a reação dos professores em relação a essa demanda. Eles estão entendendo o que precisa ser feito e o quanto essa formação implica a empregabilidade dos alunos deles", diz Gallindo.

Otimista, Claudia Costin defende que, ao contrário do que alguns possam pensar, o ensino técnico vai ganhar força no Brasil. "Há uma demanda grande para profissões que organizam essa automação e digitalização do mundo que está em curso. Além disso, temos tido uma evolução positiva. Ao menos antes da pandemia, vínhamos, a cada ano, tendo mais concluintes no ensino médio. A situação tem melhorado, ainda que não o suficiente, especialmente para o mundo da 4ª Revolução Industrial", aposta a especialista. ■

HÁ VAGAS!

As profissões em destaque e a estimativa de vagas até 2023

Em apenas dois anos, os quatro setores da economia analisados na pesquisa sobre o impacto da digitalização nas profissões devem gerar, juntos, **mais de 36 milhões de novas vagas.** No foco estão profissionais qualificados e preparados para atuar no que tem sido chamado de **4ª Revolução Industrial ou indústria 4.0.**

SOFTWARE E TI

Novas vagas previstas para o setor:
1,63 milhão

Profissões de destaque:
programador (coder), analista de segurança cibernética e cientista de dados.

Vagas que serão criadas nessas profissões:
Programador: 18.000
Analista de segurança cibernética: 7.300
Cientista de dados: 6.600

AGRICULTURA

Novas vagas previstas para o setor:
18,3 milhões

Profissões de destaque:
engenheiro agrônomo digital, técnico em agricultura digital e técnico em agronegócio digital.

Vagas que serão criadas nessas profissões:
Técnico em agricultura digital: 86.500
Engenheiro agrônomo digital: 15.000
Técnico em agronegócio digital: 5.800

SAÚDE

Novas vagas previstas para o setor:
5,1 milhões

Profissões de destaque:
engenheiro de dados da saúde, engenheiro hospitalar e técnico em assistência médica digital.

Vagas que serão criadas nessas profissões:

Técnico em assistência médica digital: 6.200
Engenheiro de dados da saúde: 1.300
Engenheiro hospitalar: 700

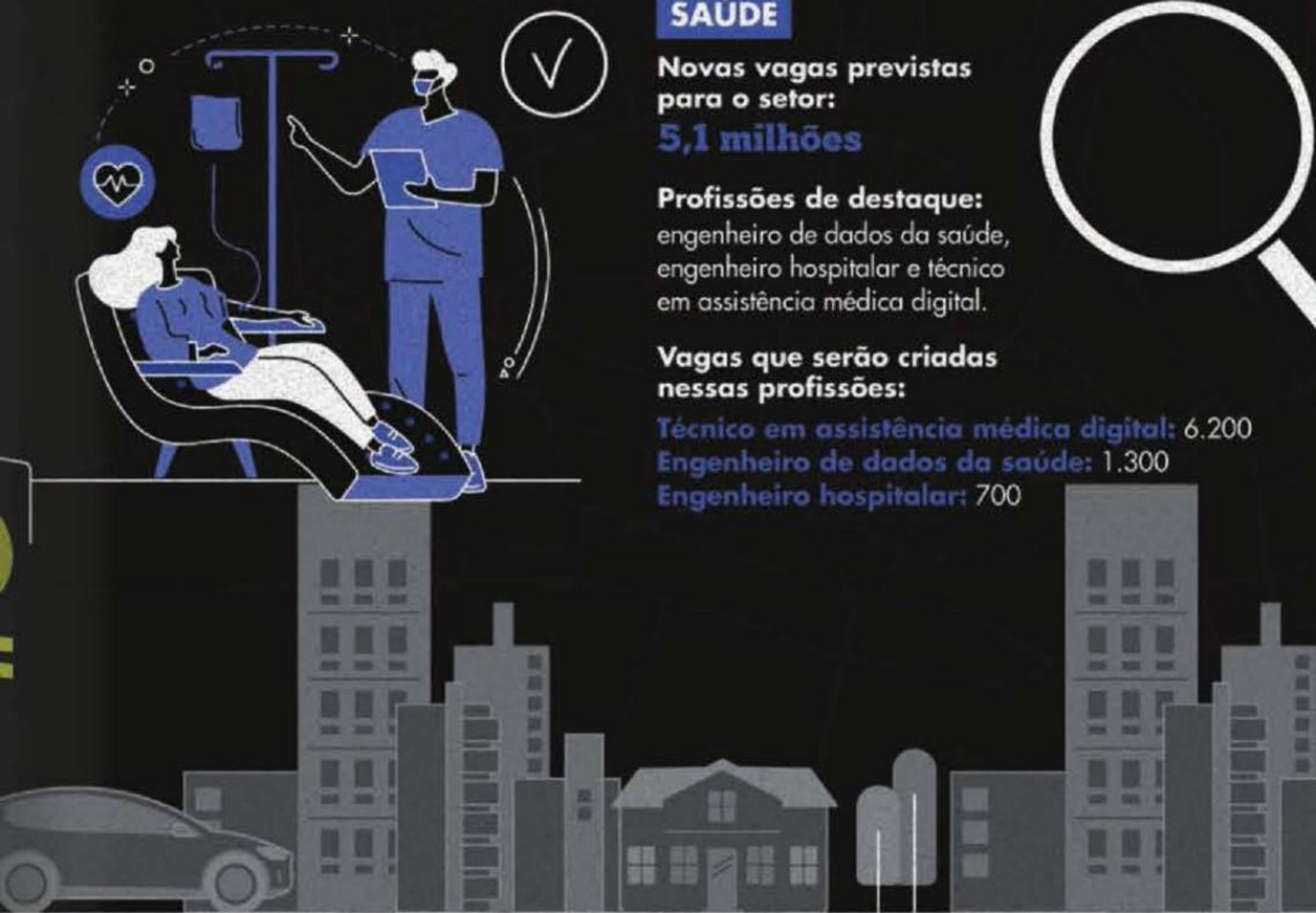
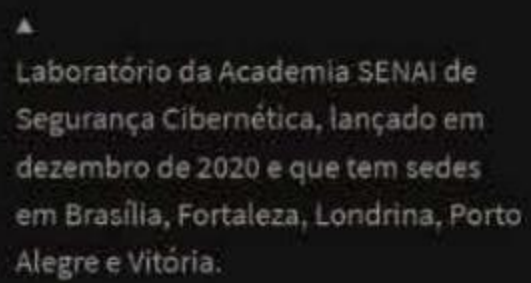
INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO E SERVIÇOS PRODUTIVOS

Novas vagas previstas para o setor:
11,7 milhões

Profissões de destaque:
profissional de manufatura aditiva, expert em digitalização industrial e operador digital.

Vagas que serão criadas nessas profissões:

Operador digital: 345.000
Expert em digitalização industrial: 5.500
Profissional de manufatura aditiva 3.000

▲
Laboratório da Academia SENAI de Segurança Cibernética, lançado em dezembro de 2020 e que tem sedes em Brasília, Fortaleza, Londrina, Porto Alegre e Vitória.

Empregos digitais na indústria 4.0

FORÇA-TAREFA DO SENAI QUALIFICARÁ MILHARES DE PROFISSIONAIS PARA A ÁREA DE TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO ATÉ O FIM DE 2021

Base do processo de digitalização de todos os setores da economia, a tecnologia da informação (TI) está diante de um desafio: contratar mais de dois milhões de profissionais qualificados nos próximos 10 anos. A demanda é especialmente significativa na área de cibersegurança e entre as profissões emergentes, muitas das quais recém-criadas para atender às novas dinâmicas estabelecidas pela indústria 4.0.

Atento a esse contexto, o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) estabeleceu parcerias com grandes empresas de tecnologia para estimular a formação de programadores. Segundo o gerente-executivo de Educação Profissional e Tecnológica do SENAI, Felipe Morgado, "os principais atores do setor – como Google, Microsoft, Amazon, Cisco e Huawei – têm ajudado a capacitar os docentes, além de disponibilizarem o acesso às suas tecnologias e contribuírem para a definição de quais competências precisamos formar nos nossos estudantes", esclarece.

A urgência e a carência de profissionais para a área de TI fizeram com que empresas do setor de tecnologia também investissem em cursos de formação. Como explica Bruno Zitnick, diretor de Relações Públicas e Governamentais da Huawei no Brasil, "a situação é preocupante porque se trata de um setor que demanda muita mão de obra e sofre com a ausência de profissionais qualificados".

Visando mitigar essa carência, que não é exclusividade brasileira, a Huawei desenvolve, em todos os países nos quais atua, o programa Tech4All – uma academia com mais de 100 cursos focados em tecnologias da informação e comunicação. "Nossa avaliação é de que estamos formando pessoas que vão alimentar esse mercado e, assim, não apenas a empresa vai ser beneficiada, mas também seus clientes e parceiros", explica.

Além disso, no Brasil, a Huawei firmou um termo de cooperação com o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) para formar mão de obra especializada e incorporar novas tecnologias ligadas ao 5G em laboratórios de pesquisa e em cursos presenciais e a distância. A expectativa é formar dois mil alunos até o final de 2021.

A parceria inclui, ainda, qualificações nas áreas de inteligência artificial, *cloud computing*, FTTH (*Fiber To The Home* ou fibra óptica) e outras tecnologias, além de três laboratórios de instalação e manutenção de fibra óptica em Salvador (BA), Brasília (DF) e Palmas (TO).

Esses espaços visam atender à geração nem-nem (adolescentes e jovens que nem trabalham nem estudam), que, no segundo semestre de 2020, atingiu a marca histórica de 29,3% da população brasileira com idade entre 15 e 29 anos, segundo a Fundação Getúlio Vargas (FGV).

Segundo Felipe Morgado, a parceria faz parte de uma grande força-tarefa criada pela instituição para formar, até o final de 2021, 20 mil novos profissionais para a área de TI. Ele argumenta que a importância de investir em formação para essas novas tecnologias consiste no fato de elas serem transversais e não setoriais. "Inclusive, são transversais às 28 áreas industriais", diz Morgado.

PARCERIAS

As parcerias em andamento permitiram ao SENAI, por exemplo, mapear uma grande demanda por programadores *web* e *mobile*. Com esse diagnóstico em mãos, neste ano já foram lançados três cursos de programação

web (*front-end, back-end* e *full stack*), com outros três de programador *mobile* (IOS, Android e multiplataforma) com lançamento previsto para agosto.

Felipe Morgado explica que o SENAI investe tanto na requalificação de profissionais que estão nas empresas quanto na formação de novos profissionais, garantindo que estes cheguem ao mercado com as competências necessárias.

CIBERSEGURANÇA

Outra área que tem recebido grande atenção do SENAI é a de segurança cibernética. Isso porque, entre as três profissões de destaque do setor (programador, cientista de dados e analista de cibersegurança), esta última é a que conta com a maior defasagem entre a projeção de profissionais formados e a demanda do mercado de trabalho: 81,7% nos próximos dez anos.

Para contribuir com a redução dessa discrepância, em dezembro de 2020, o SENAI inaugurou cinco academias de segurança cibernética nas cidades de Brasília (DF), Fortaleza (CE), Londrina (PR), Porto Alegre (RS) e Vitória (ES). Os espaços consistem em laboratórios com infraestrutura, ambiente seguro e pessoal qualificado para realização de competições cibernéticas, palestras, consultorias e cursos presenciais e online.

"Formar esses profissionais exige muita tecnologia e prática e o SENAI tem isso disponível. Nessas academias, o estudante pode fazer simulações hiper-realistas, praticamente reais, eu diria, em que se tem um time atacando e outro defendendo. Esse processo conta com vários cenários e pode ser adaptado de acordo com o tipo de empresa", relata Morgado.

Essa estratégia, além de contribuir para a formação em si, também torna os cursos mais atrativos, como explica Bruno Zitnick: "Diante do desafio de atrair pessoas para o mercado de TI, os cursos precisam ser atrativos e, para isso, a parte prática é muito importante. Outro aspecto que se apresenta como um diferencial é a pessoa, ainda durante o curso, ter contato com a realidade do mercado".

O Ministério da Educação (MEC), por meio da Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (Setec), também tem atuado para contemplar as profissões emergentes na estrutura educacional brasileira, especialmente por meio da constante atualização dos Catálogos Nacionais de Cursos, tanto técnicos como superiores, de tecnologia. De acordo com o secretário Tomás Dias Sant´Ana, a última atualização ocorreu em dezembro de 2020.

"O mapeamento de profissões permite que a oferta educacional possa estar alinhada às constantes evoluções tecnológicas que a sociedade tem vivenciado nos últimos anos. As ações do MEC têm levado em consideração esses impactos nos diferentes eixos tecnológicos, que também serão influenciados pelo novo contexto pós-pandemia, demandando esforços conjuntos de todos os agentes educacionais na perspectiva de infraestrutura e de políticas públicas", diz o secretário. ■

◄ O SENAI pretende formar 20 mil novos profissionais para a área de TI até o final de 2021, conta Felipe Morgado, gerente-executivo da entidade.

▲
Empresário e presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI)

Uma realidade exigente, mas fascinante

por ROBSON BRAGA DE ANDRADE

O mundo do trabalho, assim como os demais campos da atuação humana, foi sacudido pela pandemia da Covid-19, que obrigou empresas e trabalhadores a reformularem rotinas e processos produtivos. Isso aconteceu exatamente quando as profissões já experimentavam grandes transformações, causadas pela digitalização da economia. A junção desses dois fatores deve não só consolidar as mudanças daqui por diante, como aprofundá-las, com enorme impacto em todas as ocupações.

O que as pessoas se acostumaram a chamar de trabalho, ao longo de séculos, geralmente envolvia sair de casa para se juntar a colegas num espaço determinado, como um escritório ou uma fábrica centralizada, para usar equipamentos manuais, durante uma jornada diária delimitada. Tanto a 4ª revolução industrial (Indústria 4.0) quanto a pandemia estilhaçaram essa visão tradicional, exigindo, dos profissionais, cada vez mais flexibilidade, iniciativa, espírito inovador e capacidade de adaptação.

Realidades que passaram a integrar os ambientes físico e virtual, por meio de tecnologias digitais – como a internet das coisas, o big data e a inteligência artificial – são a tônica desse novo momento, marcado pela velocidade impressionante na troca e na absorção das informações. Ao mesmo tempo em que algumas funções ficam obsoletas, até a ponto de enfrentarem a extinção, muitas terão suas bases transfiguradas, enquanto outras surgirão, num exemplo claro de destruição criativa.

Essa tendência é mostrada no estudo *Profissões Emergentes na Era Digital: Oportunidades e desafios na qualificação profissional para uma recuperação verde*, feito pela Agência Alemã de Cooperação Internacional, em parceria com o SENAI e o Núcleo de Engenharia Organizacional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Numa perspectiva interessante para os jovens, o trabalho identificou 53 ocupações que ganharão importância em até 10 anos, em quatro segmentos afetados pela digitalização.

Na era da economia do conhecimento, a educação formal precisa ser interdisciplinar e dinâmica, aproximando-se do mundo do trabalho, como está sendo feito com a adoção gradual do novo ensino médio no Brasil. A educação profissional deve, cada vez mais, se voltar para o futuro, aumentando as oportunidades dos alunos no exigente, mas fascinante, mercado de trabalho dos próximos anos. Qualificação é, agora e sempre, fundamental para o desenvolvimento pessoal e tecnológico.

O investimento em educação profissional será, portanto, crucial para o aumento da competitividade da economia brasileira, para a retomada do crescimento em um ritmo mais vigoroso e sustentado e para a criação de melhores oportunidades de emprego no cenário pós-pandemia. Também será indispensável para o pleno exercício da cidadania e para a ascensão social de uma grande quantidade de jovens brasileiros que, hoje, ainda precisam superar graves obstáculos para se inserir na economia.

Com trabalho sério e dedicado, o Sistema Indústria tem consciência de seu papel nesse esforço nacional. O SENAI e o SESI estão na vanguarda das mudanças na educação brasileira, com redes de ensino de comprovada excelência, dando esperança de obter melhores condições de vida a milhares de jovens. O entusiasmo com que os profissionais de nossas escolas se debruçam sobre essa tarefa e o afinco com que nossos alunos estudam são exemplos do que o Brasil pode oferecer de melhor. ■

FRACASSO Ministro do Desenvolvimento Regional, Rogério Marinho, vistoria obras do Casa Verde e Amarela

R$ 800 milhões
É quanto o programa precisa para se manter ainda neste ano

153 mil
Unidades habitacionais deixarão de ser construídas sem o dinheiro

45%
Foi quanto o governo federal deixou de repassar ao programa em 2020

Casa sem cores

Governo Bolsonaro deixa à míngua o Casa Verde e Amarela, principal programa de habitação do país. A previsão é que **obras de casas populares sejam paralisadas** no mês que vem

Vinícius Mendes

Enquanto o mercado teme as obras eleitoreiras que o governo federal tenta desenvolver de olho na reeleição de Jair Bolsonaro, o povo sofre na vida real as consequências do fracasso da política econômica. As vítimas agora são os programas sociais herdados de gestões passadas e que impactam milhões de pessoas. É o caso do Casa Verde e Amarela, o antigo Minha Casa, Minha Vida.

O programa tinha R$ 2,1 bilhões previstos para 2021, mas, em abril, o presidente resolveu cortar 98% desse montante com uma canetada, deixando o Casa Verde e Amarela praticamente sem caixa. Um dos principais afetados foi o Fundo de Arrendamento Residencial (FAR), responsável por gerenciar as unidades da faixa 1, de renda familiar inferior a R$ 2 mil. O setor ficou apreensivo com a decisão e recorreu ao Congresso, na expectativa de salvar pelo menos parte desses recursos. Deu certo: como o parlamento pode remanejar os repasses orçamentários, foi possível assegurar cerca de R$ 400 milhões para financiar as obras voltadas para essa faixa de renda do Casa Verde e Amarela até o fim desse ano.

O problema, porém, é que esse dinheiro está prestes a acabar. O FAR tem apenas R$ 27 milhões em caixa para dar conta da empreitada. Para cumprir os contratos em andamento, é preciso mais R$ 800 milhões e, como esse montante não tem previsão de ser liberado, essa parte do projeto será paralisada a partir de setembro. A consequência é um rastro de milhares de obras paralisadas, empresas sem receber e trabalhadores desempregados. "Será muito difícil. Nós esperávamos que a solução se resolvesse em julho, mas agora estamos esperando pelo caos", admite Carlos Henrique Passos, presidente da Comissão de Habitação de Interesse Social da Câmara Brasileira da Indústria da Construção (CBIC).

Passos torce para que o Congresso resolva a situação de novo. "Os sinais são contraditórios. O governo diz que está resolvendo, mas, na prática, não está acontecendo nada." A Casa Verde e Amarela está cada vez mais desbotada. ■

FOTO: DIVULGAÇÃO

Uma relação

Impondo a grosseria como norma, Bolsonaro maltrata o vice Mourão, que foge das armações golpistas e cria sua própria agenda de discussão com o Judiciário e a cúpula militar

Vicente Vilardaga

O vice-presidente da República, general Hamilton Mourão, e o presidente Jair Bolsonaro têm uma relação complicada e tensa. Mourão é para Bolsonaro um permanente foco de incertezas e questionamentos e a recíproca é verdadeira. Na maioria dos casos, em momentos críticos, Mourão baixa a bola de Bolsonaro e o leva menos a sério do que seus subordinados e apoiadores. O último lance desconcertante do vice-presidente foi dizer que as manifestações estimuladas por Bolsonaro para o dia Sete de Setembro são "fogo de palha". "Isso aí tudo é fogo de palha. Zero preocupação", disse. Militar como Bolsonaro, o vice sabe do que está falando. No dia em que Bolsonaro ocupou a Esplanada dos Ministérios com blindados, Mourão se encontrava com o ministro do STF e presidente do TSE, Luís Roberto Barroso, que estava preocupado com o risco de ruptura institucional. Mourão o tranqüilizou e disse que as Forças Armadas não embarcarão em projetos golpistas e nem criarão entraves para as eleições de 2022. Bolsonaro soube do encontro pela imprensa e se sentiu traído.

IMPEACHMENT Numa possível substituição de Bolsonaro, Mourão é a opção imediata: vice causa ciúmes

O vice-presidente tem seu próprio projeto político, que envolve a disputa pelo governo do Rio de Janeiro, na qual aparece entre os favoritos nas próximas eleições, e não demonstra alinhamento com os planos ditatoriais do titular. Tampouco faz afirmações incendiárias e sua postura normalmente parece mais sensata e ponderada que a do presidente. Desde o início do governo, Bolsonaro percebeu que não teria um vice silencioso e resignado. Em vez disso, encontrou um sujeito disposto a se contrapor a alguns seus impropérios. Não que eles discordem em tudo. Mourão se mostrou favorável ao pedido do impeachment do ministro Alexandre de Moraes, feito por Bolsonaro ao Senado. Considerou que ele reagiu por ser atacado constantemente e declarou que isso "faz parte da

Enquanto Bolsonaro acirra as tensões, Mourão tenta contemporizar e esvazia a ideia de golpe, dizendo que é "fogo de palha"

FOTO: CLAUDIO REIS/FRAMEPHOTO/FOLHAPRESS

conturbada

luta política". Mas em outras questões apresenta posição oposta à do presidente. Diz que militares da ativa e policiais não devem se manifestar politicamente e os que fizerem isso estão sujeitos ao regulamento disciplinar. Fala também que o aquecimento global é um fato que não pode ser questionado.

Bolsonaro já declarou que não trata de nenhum assunto de governo com o vice e recomendou recentemente que ele não participe de eventos públicos. No último dia 16, os dois não se cumprimentaram numa cerimônia de formação de cadetes da Academia Militar de Agulhas Negras. Há um claro acirramento das hostilidades e o tratamento desrespeitoso conferido pelo presidente a Mourão incomoda as próprias Forças Armadas. Neste momento, o vice é um interlocutor no governo mais confiável e frequente junto à alta cúpula militar do que Bolsonaro. General quatro estrelas, Mourão foi para a reserva no topo da hierarquia militar, enquanto o presidente é um capitão reformado. Nas mídias sociais, nos últimos dias, Mourão informa sobre sua missão como chefe do Conselho Nacional da Amazônia Legal. Na quarta-feira, 25, comemorou o Dia do Soldado e participou de um seminário promovido pelo Instituto Villas Bôas em que defendeu o direito de opinião. "Que não haja arbítrio neste país, que não haja prisões descabidas", afirmou. .

Na história recente, os vices levam vantagem em disputas com os presidentes: foi assim com Collor e Itamar e com Dilma e Temer

Diante da reação de Bolsonaro ao encontro com Barroso, surgiu o boato de que Mourão poderia até renunciar ao cargo. Mas ele descartou essa possibilidade. Na semana passada, disse que a relação entre presidente e vice "não é simples, nunca foi". "Nós não somos os primeiros a vivermos esse tipo de problema, mas a gente sabe muito bem que ele conta com a minha lealdade acima de tudo", afirmou. "Ele pode ficar tranqüilo sempre a meu respeito." Enquanto tenta contemporizar com o presidente, recebe, em troca, um tratamento grosseiro que desagrada os altos oficiais. Relações conflituosas entre presidentes e vices têm sido frequentes na República e, não por coincidência, sempre envolvem situações de impeachment. Há o caso de Fernando Collor, que teve problemas com Itamar Franco, por quem acabou substituído. E, mais recentemente, houve a ruptura entre Dilma Rousseff e Michel Temer. O caso de Bolsonaro e Mourão pode ter o mesmo desenlace, com o vice-presidente levando a melhor. ■

Ministro no limbo

SEM PERSPECTIVA A cada dia que passa, Mendonça parece mais distante da vaga que tanto almeja

O ex-advogado-geral da União André Mendonça **está há 45 dias na fila** para substituir o ministro Marco Aurélio Mello no STF **num lapso inédito** na história republicana. Ele corre o risco de perder a vaga por causa da **insistência de Jair Bolsonaro** em acirrar a guerra entre Poderes e por ser "terrivelmente evangélico". O senador Davi Alcolumbre, a quem cabe **marcar a sabatina de Mendonça**, não vê clima e nem tem pressa para a definição do novo membro do tribunal

Vicente Vilardaga

FOTOS: MATEUS BONOMI/AGIF; ANDRESSA ANHOLETE/GETTY IMAGES VIA AFP; DIVULGAÇÃO

Nunca na história o Senado demorou tanto para aprovar um nome determinado pela presidência para ocupar uma vaga no Supremo Tribunal Federal (STF). Depois de 127 anos, a única vez em que se viu uma situação parecida foi no governo Floriano Peixoto. Mas a escolha do ex-advogado-geral da União André Mendonça, nome definido por Jair Bolsonaro para ingressar no tribunal no lugar do Ministro Marco Aurélio Mello, entrou no limbo. Nesta altura, a confirmação de Mendonça, que espera uma definição há mais de 45 dias, virou uma novela com final incerto. Vários senadores, diante da demora na sabatina do candidato, já pedem a indicação de um substituto e quem está na dianteira é o presidente do Superior Tribunal de Justiça (STJ), Humberto Martins. O presidente da Comissão de Constituição e Justiça (CCJ), Davi Alcolumbre (DEM-AP), decidiu adiar mais uma vez a indicação de Mendonça depois que Bolsonaro pediu o impeachment do ministro do STF Alexandre de Moraes. O pedido foi recusado pelo presidente do Senado, Rodrigo Pacheco, quarta-feira, 25. Antes disso, porém, Alcolumbre revelou que enquanto o presidente não tornar menos tensa a relação entre os Poderes não haverá o destravamento da pauta e não serão avaliadas suas indicações na CCJ.

RESPOSTA Alcolumbre joga duro com Bolsonaro e não demonstra vontade ou pressa de marcar a sabatina

AMBIENTE HOSTIL

Nos últimos dias, Bolsonaro tem pressionado Alcolumbre para marcar a sabatina. Mas o presidente da CCJ, que considerou o pedido de impeachment "uma afronta gravíssima e lamentável às instituições e uma verdadeira falta de respeito com o STF", se mantem irredutível. Também deu a entender que está num jogo para conter os excessos autoritários do chefe do Executivo. Para ele, o ambiente hostil criado entre a Presidência e o STF não favorece qualquer indicação para o tribunal neste momento. Outra questão que estaria sendo observada é o comportamento do presidente até o próximo dia 7 de setembro. Até lá, Bolsonaro, aproveitando a efeméride dos 199 anos da Independência, promete colocar uma multidão de militares à paisana na rua para questionar a democracia e ofender o Judiciário e o Legislativo. A má vontade do Senado em relação a Mendonça contrasta com a facilidade com que a casa aprovou, na semana passada, a recondução ao cargo do procurador-geral da República, Augusto Aras, por mais dois anos.

Desde o dia 13 de julho, a indicação de Mendonça está emperrada. Na terça-feira, 24 senadores governistas pediram ao presidente da CCJ que acelere o processo. Embora Bolsonaro diga que não abre mão da indicação do ex-advogado-geral da União, dependendo da evolução dos acontecimentos não haverá nada a fazer e seu nome pode ficar inviável. Além das questões políticas, há uma rejeição específica a Mendonça por causa de seu perfil teocrático, por ser "terrivelmente evangélico" e por parecer muito submisso às vontades de Bolsonaro. Desde que foi indicado, Mendonça tem intensificado seus encontros com os senadores para tentar mudar sua imagem e mostrar que não é tão religioso assim e nem atuará como um robô do presidente. Neste mais de um mês de espera pela sabatina, ele já teria conversado com 60 dos 81 senadores para tentar pavimentar seu futuro e amenizar a pecha de radical religioso que Bolsonaro colocou sobre ele. Mas, até agora, não parece ter tido muito sucesso na empreitada.

Para se ter uma ideia do inusitado da situação que envolve Mendonça, o último ministro a se aposentar no STF foi Celso de Mello, substituído por Kassio Nunes Marques, primeiro indicação de Bolsonaro, em outubro do ano passado. O período entre a indicação e a sabatina foi de oito dias. O nome do presidente do STJ, Humberto Martins, já corre por fora na disputa e conta com o apoio de Alcolumbre e também do senador Renan Calheiros (MDB-AL). Os apoiadores de Martins acreditam que ele teria potencial para destravar o processo de escolha do ministro e seria tranquilamente escolhido para ocupar a vaga no STF. Mendonça, enquanto isso, vê o gato subir no telhado. ■

OPÇÃO O presidente do STJ, Humberto Martins, já aparece na disputa pelo lugar no STF

Avenida dos m

JAPAN HOUSE
Acervo da cultura japonesa. Suas mostras são dotadas de alta tecnologia

ANEXO PIETRO MARIA BARDI
Expande em 68% a área expositiva do MASP

MASP
É o guardião de raras telas de Vincent van Gogh e Tarsila do Amaral. Tem o segundo maior vão livre da América Latina, com 80 metros de comprimento

INSTITUTO MOREIRA SALLES Guarda e expõe trabalhos originais sob as formas de fotografia e audiovisual. Há imagens raras desde os tempos do Império

Cartão postal do Brasil, a Avenida Paulista, com seus três quilômetros de extensão no coração da cidade de São Paulo, é um dos mais fervilhantes corredores financeiros do País. É, também, ao longo de seus dezoito quarteirões, um dos maiores espaços culturais ao abrigar nove museus - incluindo-se, dentre eles, o anexo que começou a ser construído junto ao Museu de Arte de São Paulo, o MASP, guardião de nobre acervo. A construção desse anexo trouxe novamente o MASP para destaque na mídia brasileira e internacional. Ostentando o segundo maior vão livre da América Latina, com oitenta metros de comprimento, ele é uma desafiadora obra da arquiteta Lina Bo Bardi e foi inaugurado em 1947 com a presença da rainha da Inglaterra, Elizabeth II. Em meio as suas riquezas culturais, destacam-se telas de Pierre-Auguste Renoir, Vincent van Gogh e Tarsila do Amaral. O anexo faz-se necessário para que novas e mais exposições sejam montadas, e será dotado de condições especiais e adequadas para proteger os quadros de excessiva claridade e outros fatores ambientais.

"O novo prédio não tem o objetivo de ofuscar o MASP, mas, sim, de ser um pano de fundo, com personalidade e força próprias", diz o arquiteto Martin Corullon, responsável pelo projeto de expansão do museu. O anexo, com inauguração prevista para 2024, levará o nome de Pietro Maria Bardi, crítico de arte e marido de Lina - e, com isso, o edifício tradicional passará a se chamar MASP Lina Bo Bardi. Os nove andares da nova edificação

useus

Chama-se Paulista e fica na cidade de São Paulo. É um dos maiores corredores culturais do País

Antonio Carlos Prado e Mariana Ferrari

SESC
Possui o mais alto mirante da região: ponto de encontro de pluralidade artística

ITAÚ CULTURAL
Reúne uma valiosa Brasiliana e parte de documentos de Vinicius de Moraes

FIESP
Seu museu faz parte do processo de modernização da Paulista. Apresenta, hoje, uma exposição sobre Charles Darwin

CASA DAS ROSAS
Tem os melhores cursos de formação de escritores do País. O seu museu é focado em literatura brasileira

INSTITUTO CERVANTES
Privilegia a valorização da língua espanhola

serão responsáveis por uma expansão de 68% na área expositiva e a sua construção receberá somente financiamento de pessoas físicas: R$ 18 milhões. Não há captação de recursos públicos. "A Avenida Paulista não é somente entretenimento. É reflexão na dimensão pública e política da cultura", diz Corullon.

A região que guarda a pluralidade artística valorizou e trouxe, do passado aos dias de hoje, muito da arquitetura e do glamour daquilo que aprendemos a chamar de "antigamente" – quando a avenida era, sobretudo, habitada por barões do café. A charmosa Casa das Rosas, casarão de 1935, atualmente destaca-se pelos seus cursos, considerados os melhores do País, de formação de escritores. O palacete tem, em sua arquitetura, uma importante ligação com o centro velho da capital. Tal arquitetura, que tudo une, é assinada por Francisco de Paulo Ramos de Azevedo. Ele trabalhou no mesmo escritório que projetou ícones feito o Theatro Municipal de São Paulo, o prédio da extinta Light, a Escola Normal da Praça e a Pinacoteca. "A ocupação da Avenida Paulista faz parte de um processo de modernização da cidade", diz Renato Anelli, doutor em história da arquitetura, conselheiro do Instituto Bardi e professor de arquitetura na Universidade Mackenzie. "A marca dessa modernidade começa nos anos 1970, com a implementação de calçadas e comunicação visual". É justamente nessa época, mais precisamente em 1979, que foi inaugurado o edifício, no formato de colmeia, da Federação das In-

INFOGRÁFICO: NILSON CARSOSO

"A ocupação da Avenida Paulista faz parte de um processo de modernização da cidade. E a marca dessa modernidade começa com a chegada da comunicação visual"

Renato Anelli, doutor em história da arquitetura, conselheiro do Instituto Bardi e professor de arquitetura da Universidade Mackenzie

dústrias do Estado de São Paulo, a Fiesp. Por lá passam importantes exposições, a exemplo daquela que permanecerá em cartaz até dezembro: "Darwin: Origens e Evolução".

No contorno estrito da cultura popular brasileira tem-se o Itaú Cultural, detentor de uma Brasiliana, sempre exposta, e de onze mil textos e documentos pessoais que pertenceram a Vinicius de Moraes. Ainda abrangendo temas raros da historiografia nacional, há o Instituto Moreira Salles, o IMS, que chegou à avenida em 2017. Consolidou-se e adquiriu um dos mais preciosos acervos da fotografia brasileira, do qual constam originais de consagrados profissionais: Walter Firmo, autor de registros que imortalizaram internacionalmente Dona Ivone Lara, Cartola e Pixinguinha; Thomaz Farkas, um dos pioneiros da fotografia moderna brasileira; e Marc Ferrez, pomposo retratista do Império. Dessa época imperial, em que máquinas fotográficas soltavam fumaça, até a sofisticada tecnologia dos dias presentes, nos quais elas cabem em celulares, o tempo voou. Chega-se, então, ao ápice com a instalação da Japan House (que possui também unidades nos EUA e Londres), marco da cultura japonesa no Brasil. E há ainda o pouco lembrado Instituto Cervantes, espaço de valorização da língua espanhola. Toda arquitetura que serve de invólucro a essa bagagem cultural pode ser admirada do mirante da sede do Serviço Social do Comércio, o Sesc. Nesse prédio produzem-se apresentações holográficas que inundam o asfalto com luzes e cores. Ande-se de ceca a meca atrás de cultura, e é bobagem. Se não está tudo ali, na Avenida Paulista, ali está uma mistura de tudo. Um respiro cultural para o Brasil. ■

SEM OFUSCAR
O arquiteto Martin Corullon é um dos responsáveis pelo projeto de expansão do MASP: "o anexo tem como objetivo ser um pano de fundo, com personalidade e força próprias"

FOTOS: GABRIEL REIS; ILANA BESSLER

Quando o pai é o problema

Mesmo depois de adultas, artistas bem sucedidas sofrem com o controle dos pais. Alegando preocupação com a carreira das filhas, o que eles querem mesmo é controlar o dinheiro

MEGHAN
Thomas Markle: ele vendeu aos tablóides a carta em que a filha pedia respeito

Taisa Szabatura

A justificativa é sempre a mesma: vontade de "proteger a filha". O argumento usado por alguns pais para controlar a carreira de artistas famosas tem sido usado com outro objetivo: manter o controle sob suas fortunas. Isso até pode acontecer com artistas masculinos, mas o histórico é bem menor. O caso que tem recebido a maior atenção do público atualmente é a batalha judicial entre a cantora americana Britney Spears e seu pai, Jamie Spears. Mas ele está longe de ser o único: diversas artistas precisam lidar com relações complexas e abusivas desde que entraram para o mundo do showbiz.

Sob tutela judicial do pai desde 2008 após apresentar sérios episódios de bipolaridade, Britney garante que, treze anos depois, ela está bem e pode voltar a comandar a sua vida. Para a Justiça, no entanto, seu pai ainda tem o direito de gerir sua fortuna e tomar decisões básicas do dia a dia por ela, como definir a decoração da sua cozinha, o acesso à internet ou até mesmo determinar se a mulher de 39 anos pode passear de carro sozinha com o namorado. Ela luta contra a decisão, mas outra cantora não teve a mesma sorte: a britânica Amy Winehouse sucumbiu à ganância do pai, Mitchell Winehouse, que a fez subir ao palco mesmo quando ela estava visivelmente incapaz, doente e extremamente magra. Amy não queria mais cantar, mas seu pai a forçava dizendo que precisava manter os contratos — e o dinheiro entrando. Com intoxicação alcoólica e exaustão, Amy morreu em 2011, aos 27 anos. A questão chegou ao Brasil: Ludmilla, uma das cantoras mais populares da atualidade, precisou entrar com uma medida protetiva contra seu pai, Luiz Antônio Silva, para que ele não possa se aproximar fisicamente dela.

Meghan Markle, a duquesa de Sussex, foi humilhada diversas vezes por um pai sedento por fama e dinheiro. Thomas Markle ainda não se cansou de dar entrevistas revelando intimidades da filha — e até inventando que ela seria uma "entidade do mal sedenta pela fama". Quando Meghan enviou uma carta de próprio punho, pedindo respeito, falando

FOTOS: ARTHUR EDWARDS/POOL VIA REUTERS; REPRODUÇÃO; MARIO ANZUONI/ REUTERS; OLI SCARFF/GETTY IMAGES EUROPE;

LUDMILLA Luiz Antonio Silva: ordem judicial impede que ele se aproxime dela

BRITNEY Jamie Spears: para manter o controle financeiro, pai diz que a cantora tem "vícios graves"

AMY Mitchell Winehouse: pressão dos contratos levou à morte da filha

sobre afeto e a possibilidade de terem alguma relação pacífica, o pai não pensou duas vezes. Vendeu a carta aos tablóides britânicos, que usaram cada vírgula do relato para difamar a duquesa. Deprimida, ela e o marido, o príncipe Harry, abandonaram a família real e foram morar nos Estados Unidos.

Para a psicóloga Manuela Freitas, a relação entre pai e filha na infância e adolescência pode definir como a futura mulher irá se comportar no decorrer da sua vida. "Muitas crianças e adolescentes se culpam quando um dos pais não é presente", diz. O sentimento de rejeição é automático quando não é suprido por outro membro da família, como a mãe ou uma avó. O pai de Ludmilla, por exemplo, passou 16 anos preso. Quando foi solto, a cantora quis ajudá-lo financeiramente sem que a mãe soubesse. "É natural que uma filha busque a aprovação dos pais. O problema ocorre quando há abuso de poder e o pai percebe que pode exercer esse controle", explica Manuela.

Amy Winehouse gastou grandes fortunas comprando casas de luxo que nem gostaria de ter para satisfazer os desejos e a ambição do pai. No documentário "Amy", indicado ao Oscar em 2015, o público pode ter uma perspectiva da vida – e da morte – da jovem que acabou sufocada por seu próprio sucesso. Seu melhor amigo, Tyler James, acaba de lançar o livro "Minha Amy", já disponível no País pela Editora Agir. Na obra, ele relata conversas absurdas com o pai da estrela. O autor detalha que Mitchell nunca se preocupava com a saúde da filha, mesmo quando Amy estava em uma clínica de reabilitação. "E se Amy nunca mais trabalhar? Nunca mais fazer turnês? E se ela nunca mais escrever um álbum?", questionava o pai quando conversava com James, segundo relato do livro. No caso de Britney, Jamie Spears, decidiu encarnar o papel de "herói injustiçado" após ser pressionado por outras celebridades e por fãs da cantora. Em uma tentativa de se defender em meio à batalha em curso pela tutela da filha, Jamie entrou com uma petição em para suspendê-lo como único conservador.

Em um relato de quinze páginas, ele garante que fez de tudo, mas que "ninguém sabe a profundeza dos problemas da cantora". Diz ainda que escondeu os problemas de saúde mental "altamente confidenciais" de Britney para protegê-la e que a cantora tem "vícios muito graves". Ao final, diz que é o responsável por salvar Britney do "desastre". Enquanto algumas artistas conseguem se livrar dos relacionamentos abusivos, outras perdem suas vidas ou passam anos sofrendo com os ataques e abusos. ■

Os **ecossistemas brasileiros estão perdendo água e 70% dos municípios tiveram queda na cobertura hídrica** nos últimos 30 anos. O problema atinge todas as regiões do País, mas **o lugar que mais sofre é o Pantanal,** onde os ciclos de seca estão cada vez mais agudos

Fernando Lavieri

A complexa crise hídrica pela qual o País passa está demonstrada pela condição deplorável de seus principais rios. Na semana passada, por exemplo, o Rio Paraguai, o mais importante da região do Pantanal, atingiu 0,44 metro, em Cáceres, no Mato Grosso, o nível mais baixo já registrado na história. No mesmo período, no ano passado, a marca era de 0,70 metro. A seca também é sentida no Rio Paraná que, em junho, apresentou 8,5 metros abaixo da média dos últimos cinco anos. A estiagem impactou as famosas Cataratas do Iguaçu, no oeste do Paraná. O Rio Iguaçú está com uma vazão de 308 mil litros de água por segundo, um quinto do fluxo considerado normal. É chocante saber que o País, que tem a maior quantidade de água potável do mundo, está ficando sem o tão precioso líquido. "Todos os ecossistemas estão perdendo água: 70% dos municípios tiveram reduções nos últimos 30 anos e a tendência de longo prazo é preocupante", diz Carlos Souza, coordenador do Grupo de Trabalho de Água do MapBiomas Brasil, que acaba de divulgar os últimos resultados de seus estudos.

Territórios desidratados

ESTIAGEM Secas são cada vez mais prolongadas e a vazão dos rios diminui a olhos vistos

FOTOS: LALO DE ALMEIDA/FOLHAPRESS; ETTORE CHIEREGUINI/AGIF

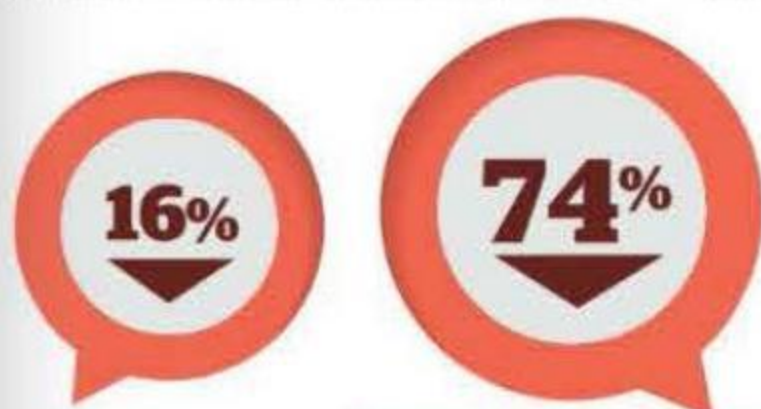
A plataforma MapBiomas, projeto colaborativo que envolve universidades, organizações ambientais e empresas de tecnologia, colheu imagens do sistema de satélites Landsat e, o que se descobriu foi que o Brasil perdeu 15,7% de superfície de água desde 1991. O que era quase 20 milhões de hectares, se transformou em pouco mais de 16 milhões, o equivalente à área do estado do Acre ou quatro vezes o território do Rio de Janeiro. Com as fotografias foi possível mapear nacionalmente alterações mensais e anuais nos corpos d'água superficiais a partir do ano de 1985. O trabalho identificou problemas em todos os biomas: a Amazônia, que concentra o maior volume do líquido, diminuiu sua cobertura hídrica de 11,6 milhões para 10 milhões de hectares e, portanto, perdeu 14% no período, especialmente na bacia do Rio Negro. A Caatinga perdeu 15% desde 1991, no Cerrado houve uma queda na superfície de água de 5,5%, na Mata Atlântica, 4,6%, e nos Pampas, de 0,4%. A situação mais grave, porém, é verificada na região do Pantanal, entre os estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, reconhecida como a maior planície inundável do Planeta. Foi o lugar que, percentualmente, mais perdeu água. A queda atingiu 74% da superfície hídrica desde 1985 e 71% desde 1991. A superfície média de água no Pantanal caiu de 1,6 milhão para 0,6 milhão de hectares.

Segundo Carlos Souza, a diminuição de água foi determinante para a ocorrência de incêndios como se viu no ano passado, quando quatro milhões de hectares (26% do bioma pantaneiro), foi consumido pelo fogo. A intensificação das queimadas continua esse ano do Oiapoque ao Chuí. Na região Amazônica, na zona rural de Apuí, o fogo foi tão severo que a toxicidade da fumaça causou o aumento de 18% no número de infecções respiratórias graves. Em São Paulo, no Parque Estadual do Juquery, as chamas consumiram 80% da vegetação. "O desmatamento florestal, a exploração predatória da mata fechada e todo esse conjunto de destruição, compromete o sistema de chuvas", diz Cássio Bernardino, coordenador de projetos do WWF Brasil. E o pior é que as secas tendem a se intensificar. Como mostrou o Painel Intergovernamental Sobre Mudanças Climáticas da ONU, divulgado recentemente, haverá nas próximas duas décadas um aumento de 1,5 grau na temperatura média global.

Frear o desmatamento, impedir o desenvolvimento urbano desgovernado, efetivar mudanças na escolha do padrão energético e do agronegócio, acarretaria a preservação da biodiversidade e, consequentemente, impactos sistêmicos positivos. Mas para resolver os problemas ambientais, inevitavelmente, as ações terão que passar pelo poder público, principalmente por decisões do Executivo e do Legislativo. Para Marcelo Laterman, porta-voz de Clima e Justiça do Greenpeace Brasil, quando os deputados preferem privilegiar uma legislação que beneficia a grilagem de terras, a tendência é que a destruição continue. A respeito da disposição do governo para desenvolver um plano de combate efetivo a destruição dos biomas, os especialistas concordam que não existe a mínima intenção em fazê-lo. Pelo contrário. Como se trata de uma administração negacionista, acolher definições científicas é algo que não vai acontecer. "A política atual é de destruição e não de preservação", afirma Laterman. ■

INCÊNDIOS Como no ano passado, o fogo começa a avançar em vários pontos do País

> **"As perspectivas de regeneração não são boas, tendo em vista que a política atual do governo é de destruição e não de preservação"**
> **Carlos Souza, coordenador do MapBiomas**

16%

O Brasil perdeu 16% de superfície de água nos últimos trinta anos

74%

O Pantanal, localizado nos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, foi o bioma que, percentualmente, mais perdeu. O nível de queda foi de 74% de sua superfície de água, desde 1985 e de 71% desde 1991

O fim dos congestionamentos

NO CÉU
Veículo do futuro: moto voadora custará cerca de R$ 2 milhões

Empresa de tecnologia aposta em novo veículo futurista: a moto voadora, com velocidade de 240 km/h

Fernando Lavieri

Se depender dos engenheiros da Jetpack Aviation, o estresse provocado pelo trânsito está cada vez mais próximo do fim: a empresa americana trabalha para produzir a primeira moto voadora com motores a jato do mundo.

Batizado de "Speeder", o veículo não possui duas rodas, como as motocicletas comuns, mas o visual torna a comparacão inevitável. Tecnicamente, ele faz parte de um grupo de invenções conhecido como Evolt, máquinas voadoras movidas a motores elétricos. A Speeder, no entanto, tem quatro turbinas que funcionam à base de combustíveis fósseis. Segundo o fabricante, ela poderá decolar e pousar de qualquer local. Com velocidade de 240 km/h, voará a 4,5 metros de altura e terá autonomia de voo de cerca de 30 minutos no ar. A empresa, no entanto, já estuda adicionar turbinas para que a moto possa voar a uma altura ainda maior do solo.

TURBINAS

"Em termos de engenharia, o mais difícil é o controle de direção e empuxo dos jatos", afirma Gleisson Balen, do Instituto de Engenheiros Eletricistas e Eletrônicos (IEEE). O profissional acredita que outros desafios podem surgir, como a manutenção da estabilidade em altas velocidades. "A visibilidade do piloto, os ventos, nuvens e o ar rarefeito serão grandes desafios para o sucesso desse projeto." Há outras iniciativas semelhantes à Speeder pelo mundo, inclusive no Brasil. É o caso de outros projetos da linha Evolt, como o "Eve Urban Air Mobility", em estudo pela Embraer. Quem quiser se aventurar pelos céus na moto voadora, porém, terá que pagar um valor ainda mais estressante que os congestionamentos: o veículo, que ainda está em fase de protótipo, custará cerca de R$ 2 milhões. ■

"A visibilidade do piloto, os ventos, nuvens e ar rarefeito serão grandes desafios para o sucesso desse projeto"
Gleisson Balen, engenheiro

FOTOS: DIVULGAÇÃO/JETPACK; DIVULGAÇÃO

Revolução virtual

Facebook propõe novo modelo de interação em que as pessoas e os acontecimentos reais são projetados no mundo online em três dimensões

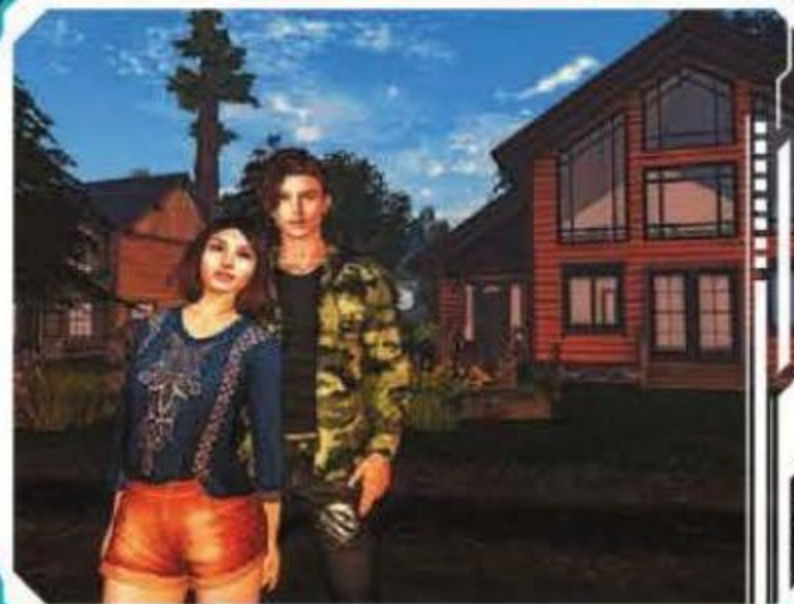
Taísa Szabatura

Se há vinte anos alguém dissesse que as pessoas não iriam mais para os seus escritórios, mas que trabalhariam de casa através de videoconferências, ninguém acreditaria como algo provável ou até mesmo prático. Hoje isso já está superado e a previsão é que viveremos plenamente em ambientes virtuais em 3D, na forma de avatares, cumprindo todo tipo de função profissional e reproduzindo nossa própria vida na rede com personagens animados. O Facebook, empresa comandada por Mark Zuckerberg, está encabeçando essa revolução para estabelecer a nova realidade tridimensional. A empresa lançou novos óculos "VR" (virtual reality) e ditou que o futuro será a imersão no online. Você deixará de ter uma foto de perfil e terá seu corpo inteiro transportado para um lugar cibernético chamado "metaverso". "Faremos com que as pessoas que nos vêem como uma empresa de mídia social nos vejam como uma empresa metaversa", disse Zuckerberg.

Se a palavra parece saída da ficção científica é porque isso é verdade: o termo "metaverso" surgiu pela primeira vez no livro "Snow Crash", escrito por Neal Stephenson, em 1992. O enredo trazia dois entregadores de pizza que mergulham no espaço virtual para fugir de uma vida disfuncional. Hoje se fala simplesmente numa combinação da vida comum das pessoas com recursos de realidade aumentada, como uma espécie de projeção de si mesmo na rede. "As pessoas conversam em telas onde só o rosto é visto", explica o cofundador da empresa de realidade virtual VR Monkey, Pedro Kayatt. "Mas uma reunião de trabalho onde é possível ver o gestual dos envol-

REALIDADE No ambiente chamado de metaverso viveremos plenamente, na forma de avatares, em ambientes virtuais 3D

FOTOS: ISTOCKPHOTO; AMY OSBORNE/AFP; DIVULGAÇÃO

“Faremos com que as pessoas que nos vêem como empresa de mídia social nos vejam como uma empresa metaversa”
Mark Zuckerberg, CEO do Facebook

VIDA PARALELA Experiência cibernética vivida em jogos como o Second Life fará parte do cotidiano: evolução das redes sociais

vidos, será muito mais produtiva". Ele diz que os ganhos na educação serão relevantes, já que os estudantes poderiam interagir como em um videogame com colegas e professores. Apesar da ideia não ser nova, só agora a humanidade – e os desenvolvedores – conseguiram reunir tecnologia avançada e internet de boa qualidade para fazer com que um mundo paralelo seja possível. Jogos como "Second Life", que surgiu em 2003, eram pesados e com gráficos ruins. Por lá se criava uma segunda vida e se estabeleciam relações sociais virtuais. A ideia agora é usar essas ferramentas em nosso cotidiano e permitir que o metaverso seja acessado por todos.

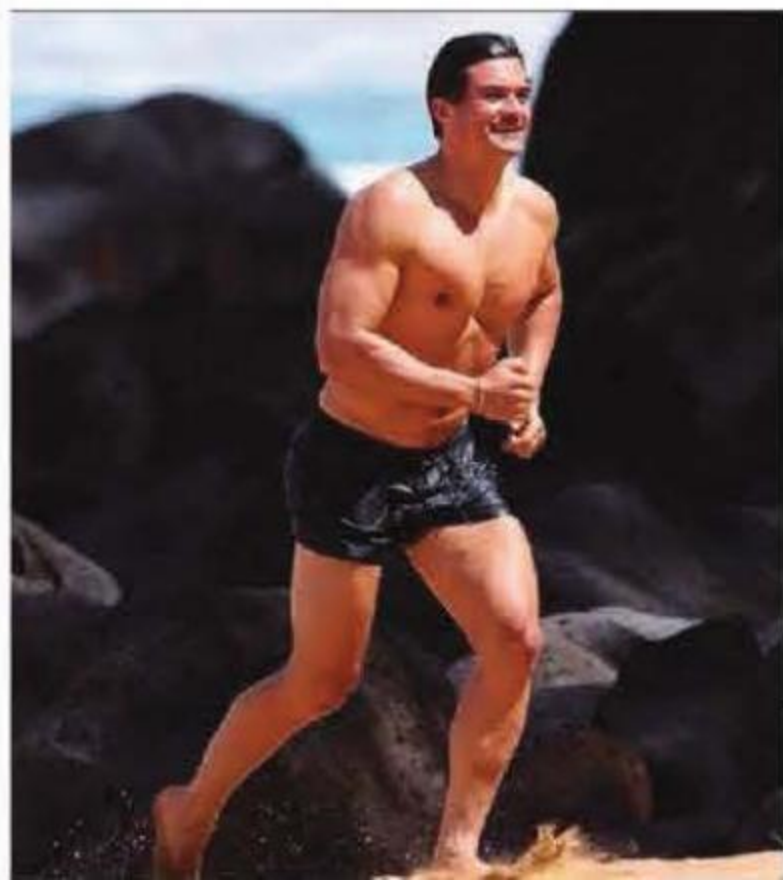
Se os óculos de realidade virtual ainda causam estranheza, atualmente os modelos são modernos, leves e acompanhados por dois controles. O futuro, é ainda mais promissor. A Apple deve lançar seus dispositivos de realidade aumentada em breve e o design deve ser cada vez mais funcional e prático. O metaverso é centrado em uma economia em pleno funcionamento: ou seja, você poderá entrar em lojas, ocupar diversos "espaços" com facilidade e ainda manter os avatares e mercadorias que compra. Os videogames ensaiam esse universo, mas ainda em uma tela. Jogos como Roblox, Fortnite e Animal Crossing – criam comunidades, colocam roupas de grife para serem compradas e usadas pelos avatares e até levam a shows de artistas reais, recriados conforme o gráfico dos jogos. Entretenimento, mercado de trabalho e viagens são apenas o começo. Essa fronteira tecnológica pode tomar proporções grandiosas – imagine um mundo sem limitação de tamanho e criatividade no qual você poderá percorrer normalmente. A possibilidade de mercado – de geração de riqueza, principalmente para as empresas – será imensa.

Mark Zuckerberg quer as pessoas literalmente dentro do Facebook – e com isso dividir seus gestos, sotaques, maneiras de se vestir com a empresa. Um passo além da concessão de privacidade. Se atualmente a rede social já sabe muito sobre você, passará a saber ainda mais. Quem irá controlar o metaverso? O que sua existência faria ao nosso senso comum de realidade? A humanidade ainda está abraçando a versão bidimensional das plataformas sociais e disputar a versão 3D pode ser exponencialmente mais difícil. "Estamos mediando as nossas vidas e nossa comunicação através de pequenos retângulos brilhantes. Acho que não é realmente como as pessoas são feitas para interagir", disse Zuckerberg em entrevista à imprensa americana. Com o aquecimento global e futuras pandemias, viver sem tecnologia será impossível – mas será que estamos indo na direção correta? ■

por Taísa Szabatura

Gente

A vizinha skatista de Neymar

Quem acompanhou a Olimpíada de Tóquio já reconhece de longe os cabelos coloridos da atleta **Letícia Bufoni**. Apesar de não ter voltado para casa com medalha, como a amiga Rayssa Leal, a skatista já deu a volta por cima: ela acaba de ganhar um campeonato em Paris, sede dos próximos jogos olímpicos. Aos 28 anos, Letícia é considerada uma veterana no esporte. Com um patrimônio avaliado em mais de R$ 20 milhões, fruto de suas conquistas nas pistas em todo o mundo, a skatista ostenta uma vida sofisticada em meio a carros esportivos e moradias de luxo — uma delas na meca do skate, em Los Angeles, na Califórnia. Em sua casa no Guarujá, litoral de São Paulo, Letícia é vizinha de outra estrela do esporte brasileiro que também se dá muito bem em Paris: o craque Neymar.

Katy deixa Orlando Bloom sozinho e...

Já virou uma cena quase corriqueira ver o ator **Orlando Bloom** em alguma praia, lago ou piscina mostrando aquela parte do seu talento que levam as mulheres à loucura. Depois de ser flagrado totalmente nu sobre uma prancha de stand-up em companhia da mulher, Katy Perry, agora Bloom apareceu em um lago com o bumbum de fora — com um singelo emoji de "pêssego" para esconder as partes íntimas. O sucesso da postagem atiçou as fãs, que exigiram que o galã de 43 anos abrisse uma conta no "Only Fans", rede social que permite imagens mais reveladoras. Enquanto isso, Katy levou o episódio na esportiva e até brincou: "Baby, eu te deixo sozinho por dois segundos e..."

FOTOS: REPRODUÇÃO INSTAGRAM

Duelo pela fama virtual

Apesar de nunca terem competido por papéis no cinema, associar as atrizes **Angelina Jolie** e Jennifer Aniston virou esporte nacional nos EUA — mesmo anos depois que as duas terminaram seus relacionamentos com o ator Brad Pitt. Agora, a competição entre elas está acontecendo na internet: ao abrir uma conta no Instagram para defender a causa afegã, Angelina conquistou dois milhões de seguidores em apenas duas horas. A morena fatal quebrou o recorde que era da própria Jennifer: a eterna atriz de "Friends" chegou à mesma marca em cinco horas. Para as "torcidas" das duas musas, só vale uma coisa: a vitória no duelo pela fama virtual.

A miss alemã de Recife

Nascida na periferia do Recife, a modelo e influenciadora **Domitila Barros** jamais imaginou que seria candidata a Miss Alemanha. Aos 37 anos, seu nome surgiu quando ela fez mestrado em Berlim: lá a seleção é feita pela participação em causas sociais — além da beleza, claro. Com corpo escultural, um belo sorriso e mais de 100 mil seguidores, Domitila é considerada uma "greenfluencer" por sua luta pela preservação do meio ambiente. A final do concurso é em fevereiro, quando será escolhida a vencedora entre as 160 finalistas. Quer ajudá-la a ganhar? Basta se cadastrar no site e votar na miss alemã - que veio de Recife.

O rapper paizão

O rapper americano **Travis Scott** é um fenômeno global — suas apresentações realizadas nos palcos dos jogos de videogame atraem dezenas de milhões de pessoas. Sua marca customizada de tênis é a sensação nos pés da garotada e "Utopia", seu novo álbum, é esperado ansiosamente pelo público do hip hop. Apesar do sucesso, Scott tem aparecido ultimamente na mídia por outra razão: seu relacionamento com a bilionária Kylie Jenner, a irmã mais nova do clã Kardashian. O casal, que tem uma filha de três anos, já terminou e voltou tantas vezes que as fãs nem lembram mais se eles estão juntos ou não. Segundo os tablóides, a empresária está grávida novamente — e o papai seria o rapper.

Rock in Ivete Sangalo

Mesmo após décadas de sucesso, **Ivete Sangalo** não para. A cantora acaba de ser anunciada como atração do próximo "Rock in Rio", tornando-se assim a artista com o maior número de participações no festival: 17 — contando as edições que aconteceram em Lisboa e Madri. Hoje, a cantora comanda o programa "The Masked Singer Brasil" na TV e já está em negociações com a direção da Globo sobre novos projetos. Ivete está sendo cogitada para comandar as tardes de sábado da emissora a partir de janeiro de 2022. Até lá, o "Caldeirão" ficará nas mãos do apresentador Marcos Mion. Será que dá para chamar essa maratona de Axé in Rio?

FOTOS: VIANNEY LE CAER/INVISION/AP; REPRODUÇÃO/INSTAGRAM; BERTRAND RINDOFF PETROFF/GETTY IMAGES; ALEXANDRE SCHNEIDER/GETTY IMAGES

O pior cenário

Forma-se uma tempestade perfeita na economia com aumento da inflação, dos juros, do dólar e do desemprego. A razão é a instabilidade política provocada pelo presidente

Vinicius Mendes

O primeiro Boletim Focus, do Banco Central (BC), deste ano, é o retrato de um otimismo que não durou. Depois de uma queda de 4,8% em 2020, a previsão das instituições financeiras e consultores era de alta de 3,41% do PIB em 2021 e de 2,5% em 2022 — ano que consolidaria a retomada do País. Porém, o mercado precisou se render à usina de crises do governo Bolsonaro. Agora, as expectativas são mais modestas: no último relatório, a projeção para o PIB do ano que é de alta de 2%, e alguns bancos já preveem que esse número não passará de 1,4%. "Vamos revisar para baixo principalmente pela nossa preocupação com o teto de gastos", resume Thaís Zara, economista-chefe da consultoria LCA. Esse pessimismo vem tomando conta não apenas pelos sinais dados pelos principais indicadores econômicos e pela saída do Brasil de grandes empresas, mas, principalmente, porque já se compreendeu que o crescimento econômico será bastante comprometido pela instabilidade política permanente.

O risco de o governo abandonar a responsabilidade fiscal de vez por causa de programas eleitoreiros se soma aos indicadores que se degradam sem cessar. A inflação deste ano está na casa dos 4,7%, enquanto o acumulado dos últimos 12 meses se aproxima de 9% (8,99%). O próprio BC já espera por uma inflação de 7,11% em 2021 — no que seria a taxa mais alta desde 2015. "A inflação está fora de controle, ao contrário do que diz o ministro Paulo Guedes. Isso se explica pelo cenário externo, em contenção monetária", explica o economista André Sacconato, da FecomercioSP. Só os preços dos alimentos e bebidas, que mais impactam no orçamento das famílias, por exemplo, subiram 16% entre julho de 2020 e o mesmo mês deste ano, de acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea).

Para dar conta dessa aceleração desenfreada, os juros não param de crescer:

a Selic, taxa básica que regula todas as demais, voltou ao seu maior patamar em dois anos (5,25%), depois de entrar em 2021 na casa dos 2%. Na Bolsa, o mesmo acontece com os juros sobre negócios futuros. Soma-se a isso a alta do dólar, que já foi negociado a R$ 6 nas casas de câmbio neste ano e que, ao longo de agosto, acumulou alta de 4,8%. Hoje, a moeda americana é cotada na faixa dos R$ 5,60. Isso acontece, segundo o economista Flavio Comim, que leciona na Universidade de Cambridge (Reino Unido), por causa da instabilidade das instituições. "O Brasil está na contramão: enquanto o mundo investe em projetos de longo prazo em uma economia pós-Covid, nós vivemos apenas as incertezas do momento político. Tudo isso se reflete no câmbio." Para Sacconato, levando em conta o contexto macroeconômico, o dólar não deveria estar acima dos R$ 4,20. "Essa alta não tem outra explicação: é a incerteza econômica com a crise política."

Pagando mais caro para consumir (a gasolina já chegou a R$ 7 em alguns estados, por exemplo) e tendo de arcar com uma carga maior de juros, os brasileiros ainda têm outros desafios econômicos, como o endividamento, que atinge sete em cada dez casas, segundo a Confederação Nacional da Indústria, e o desemprego de 14,8 milhões de pessoas, segundo mais alto em uma década.

"Bolsonaro faz intrigas para que o País não perceba os problemas econômicos relevantes"
Bruno Mäder Lins, economista

FUGA Panasonic vai deixar de produzir aparelhos de TV no Brasil a partir de dezembro

Esse cenário também compromete os investimentos, e não à toa as empresas estão abandonando o País. Foram 13 grandes multinacionais desde 2019, como a gigante japonesa Panasonic, que anunciou há alguns dias que não vai mais produzir aparelhos de TV no Brasil. Sony e Ford seguiram o mesmo caminho. Na análise de Comim, apesar de reestruturação global dessas empresas, o Brasil favorece a fuga de capitais ao não ter um plano de desenvolvimento. "Essa crise institucional é uma miopia para nossos próprios problemas: ficamos dentro dela e não falamos de educação, pobreza e mercado de trabalho", diz o professor. Para Bruno Mäder Lins, da Universidade de Genebra, na Suíça, Bolsonaro faz uma cortina de fumaça. "Ele faz intrigas para que o País não perceba os problemas econômicos relevantes."

MAIS CARO Preços dos alimentos seguem escalada histórica: inflação descontrolada

O temor do mercado, agora, está concentrado nas eleições de 2022. Para bancá-las, o presidente já propôs ao Congresso adiar o pagamento das dívidas judiciais da União, os precatórios, usando o dinheiro para impulsionar o novo programa Bolsa Família e para reajustar os salários de servidores. Trata-se de uma manobra para driblar o teto de gastos que traz profunda insegurança fiscal. O governo quer derrubar na prática a regra de ouro, um dos pilares garantidores da responsabilidade fiscal, que impede novos endividamentos para financiar gastos correntes. "O Orçamento de 2022 é o foco principal do mercado agora. Ele está tentando entender, sobretudo, o tamanho do risco que existe sobre as contas públicas", alerta Zara. ■

TOURO CHINÊS Regulamentações começam a assustar os investidores

China contra os milionários

Governo interrompe a abertura de capital de 40 empresas, avança sobre as bigtechs e manda empresários críticos para a cadeia. PC quer garantir controle da sociedade, mas pode atingir o motor do crescimento do país *André Lachini*

Foi uma surpresa para os investidores internacionais, que nas últimas décadas se acostumaram a apostar na expansão da China, em vias de se transformar na maior economia do mundo. Nos últimos dias, o governo chinês tomou duras medidas para aumentar o controle sobre as empresas, o mercado financeiro e o comércio eletrônico. Essa escalada não poupou nem as estrelas do "socialismo de Mercado" inaugurado pelos chineses: os novos bilionários.

Há meses o PC chinês tem reforçado seu controle sobre as corporações, mas não se imaginava que isso afetaria o motor do crescimento do país, as gigantes tecnológicas e de comércio e as startups responsáveis em aumentar a produtividade e colocar a China na vanguarda das transformações digitais. Mas foi exatamente isso que o governo sinalizou. Um terremoto sacudiu o mercado de capitais quando a autoridade da área informou na segunda-feira, 23, que foi suspensa a abertura de capital de 40 empresas nas bolsas de valores. Os índices já acumulam quedas de 11% em Hong Kong e 6% em Xangai, desde julho.

FOTOS: WU HUIJUN/IMAGINECHINA; ALY SONG/REUTERS; MINASSE WONDIMU HAILU/ANADOLU AGENCY/ANADOLU AGENCY VIA AFP; LUI SIU WAI/XINHUA/XINHUA VIA AFP; WANG HUAN/IMAGINECHINA/IMAGINECHINA VIA AFP; NOEL CELIS/AFP/FOCUS BY HELEN ROXBURGH

O MANDARIM
O presidente Xi planeja obter um terceiro mandato em 2022

Esse avanço estatal mudou o consenso que vigorava até o momento entre os observadores estrangeiros: de que as empresas seriam poupadas, em nome do crescimento. Agora, os investimentos estrangeiros despencam e já se admite que a expansão será afetada. "A cada novo anúncio do governo, aumenta a cautela dos investidores com os ativos chineses. Mas o que acontece nas bolsas de valores demora a se refletir na economia", diz João Leal, economista da Rio Bravo Investimentos. Ele observa que o forte crescimento da economia chinesa é puxado tanto pelo aumento da demanda interna como da externa. A dependência mundial pelos produtos e componentes chineses dá ao Partido Comunista o espaço para intervir na economia e regulamentar setores inteiros, a despeito do que pensam críticos e investidores. "O plano quinquenal do PC projeta uma expansão sustentada de 7% por ano no PIB, aumentando a regulamentação. Outros objetivos são a redução das emissões de carbono e das desigualdades sociais, que aumentaram".

O caso dos magnatas evidencia que o PC não teme desestimular a formação de novos empresários. Dois episódios recentes ilustram o preço de criticar o regime nas redes sociais. O líder do agronegócio Sun Dawu foi condenado a 18 anos de reclusão por "espalhar a sedição e provocar problemas". E o magnata Ren Zhiqiang pegou pena igual, por "corrupção e suborno". Foram punições mais pesadas que sofreu Jack Ma, dono do conglomerado Ant Group. Ma criticou a regulamentação em outubro de 2020, sumiu e só reapareceu em janeiro. Em novembro, o governo suspendeu o IPO da sua companhia. A matriz do site Ali Baba e do sistema de pagamentos Ali Pay era considerada a "Amazon chinesa". O IPO do Ant seria o maior da história, avaliado em US$ 37 bilhões (R$ 194 bilhões). Esse não foi o único ícone do capitalismo chinês a sofrer. Em julho, o governo suspendeu o aplicativo de transportes Didi, quatro dias após a empresa fazer o IPO na Bolsa de Nova York. "Esses dois eventos acenderam a luz amarela no mercado financeiro. A partir daí, o investidor começou a precificar a regulamentação", diz Leal. Também sofreram restrições a Tencent Group, gigante dos videogames, e o Baidu, o principal motor de buscas da Internet na China e um grande player na segurança da informação.

RETÓRICA ANTICAPITALISTA

Também há uma escalada retórica contra os valores capitalistas que garantiram maior competição e crescimento. O presidente Xi Jinping declarou que o país precisa "ajustar o lucro excessivamente alto e corrigir a distribuição de renda". No dia 23 de agosto, o Painel Legislativo anunciou uma nova lei de proteção à informação pessoal para todas as empresas de tecnologia. Ao contrário da lei homóloga implantada pela Europa, que objetiva proteger a privacidade e os direitos individuais, essa norma visa manter o poder sobre as companhias e as pessoas. A China considera que a informação é o "petróleo do século XXI", e quer garantir o controle estatal sobre essa riqueza, mesmo que isso afete o dinamismo da economia e mantenha a retrógrada ideologia comunista. ■

ESTRELAS NO OSTRACISMO

JACK MA
Dono do Ant Group, criticou a regulamentação do mercado e teve que se calar

JIMMY LAI
Varejista e dono do jornal Apple Daily, pegou 14 meses de prisão

REN ZHIQIANG
Chamou o presidente Xi de "palhaço" e criticou a resposta à Covid-19

SUN DAWU
Atacou o governo pela peste suína, que matou 100 milhões de porcos

Cultura

por Felipe Machado

Os Beatles e o B

Obra traça um paralelo entre a trajetória da banda de Liverpool e a genialidade do dramatu

AMBIÇÃO William Shakespeare: nascido na pequena cidade de Stratford-upon-Avon, mudou-se para Londres — assim como os Beatles, que saíram de Liverpool

NO PALCO John, Ringo, George e Paul: na celebração dos 400 anos de Shakespeare, em 1964, a banda se vestiu a caráter para interpretar "Sonhos de um Noite de Verão", em um especial da BBC

ardo

rgo William Shakespeare

LANÇAMENTO

"Shakespeare e os Beatles – O Caminho do Gênio"
José Roberto de Castro Neves
Nova Fronteira
Preço: R$ 49

Há mais semelhanças entre William Shakespeare e os Beatles do que pode imaginar a nossa vã filosofia. Pelo menos é isso o que diz "Shakespeare e os Beatles - O Caminho do Gênio", de José Roberto de Castro Neves. Apesar das áreas distintas e dos quatro séculos que os separam, a comparação se baseia em elementos comuns a praticamente todas as trajetórias artísticas: a ingenuidade dos primeiros passos, a confiança da maturidade, a melancolia da despedida. Castro Neves, no entanto, vai além ao descobrir relações que, ao final da leitura, nos obrigam a concordar: e não é que ele tem razão? O autor se justifica: "não é uma tese, mas uma declaração de amor". Seu amor por Shakespeare é racional; pelos Beatles, é pura emoção.

A teoria do livro usa como base uma linha do tempo que reflete a "liberdade criativa" exercida pelo autor. Afinal, na fase "Aprendizado", oito peças de Shakespeare correspondem a apenas um álbum dos Beatles, o de estreia, "Please Please Me". Já a "Construção da Identidade" identifica três obras do bardo, "Muito Barulho por Nada", "Henrique V" e "Júlio Cesar", e, novamente, apenas um trabalho da banda, "Help", de 1965. A "despedida" traz cinco peças do poeta e dois álbuns da banda, "Abbey Road" e "Let it Be".

O livro fica mais interessante quando aborda contextos históricos. A origem em que Shakespeare e os Beatles surgiram, por exemplo, é algo que indiscutivelmente os une. Eram todos de origem popular, sem formação acadêmica, e viviam fora do centro cultural de suas épocas, Londres. O dramaturgo era da cidade de Stratford-upon-Avon; a banda era de Liverpool. Para ganhar notoriedade, seguiram a ambição: abriram mão da convivência com suas famílias e se mudaram ainda jovens para a capital britânica. A efervescência dos ambientes também era semelhante: o teatro feito na Inglaterra no final do século 16 ecoava os tempos da Renascença, quando autores redescobriam os cânones da literatura grega e romana. O dramaturgo, acostumado a uma linguagem menos formal, se valeu da popularização do "verso branco", construções que permitiam frases sem rimas. O mesmo aconteceu com os Beatles: a sociedade inglesa vivia um período de êxtase semelhante inspirado pela vitória contra o nazismo na Segunda Guerra Mundial. Também foram beneficiados pelo advento do rock and roll, que nascera pouco antes nos EUA e havia recém-chegado aos palcos londrinos. Assim como na era de Shakespeare, a eletricidade no ar estava à espera de artistas que captassem o *zeitgeist* e o transformassem em obras de arte.

DESPEDIDAS

Além da genialidade compartilhada, o livro de Castro Neves também ressalta uma característica triste: a brevidade de suas carreiras. Shakespeare morreu aos 52 anos, enquanto outros nomes contemporâneos viveram bem mais — o poeta Ben Johnson morreu aos 65, por exemplo. A vida criativa dos Beatles foi ainda mais curta: durou apenas oito anos. A cortinas metafóricas de Shakespeare e Beatles também se fecharam de forma melancólica: o bardo, com a peça "A Tempestade". A banda, com a canção "The End". Além de geniais, grandes artistas têm outra coisa em comum: o talento para prever o futuro. ■

FOTOS: CYRUS ANDREWS/MICHAEL OCHS ARCHIVES/GETTY IMAGES; REPRODUÇÃO/WIKIMEDIA COMMONS

VINGANÇA
Jason Statham: cenas improvisadas e ação visceral

Dentro do carro-forte

O diretor Guy Ritchie volta às origens: "Infiltrado" traz Jason Statham no papel do chefão que engana uma empresa de segurança para descobrir o assassino do filho

Felipe Machado

O diretor Guy Ritchie é uma espécie de "Tarantino" britânico. Nitidamente influenciado pelo cineasta americano, ele deve muito do sucesso de "Jogos, Trapaças e Dois Canos Fumegantes", em 1998, ao colega de Hollywood. O uso da violência como ferramenta estilística, a trama repleta de reviravoltas e os diálogos com referências à cultura pop tornavam impossível não remeter o filme a "Cães de Aluguel", bem sucedida produção dirigida por Tarantino em 1992.

A carreira de Guy Ritchie deu muitas voltas desde então. Casou e separou-se da cantora Madonna, com quem tem dois filhos, Rocco e David; fez outros filmes no melhor estilo "Tarantino" ("Snatch - Porcos e Diamantes" e "RocknRolla"); e caiu nas graças do mercado, com os blockbusters "Sherlock Holmes" 1 e 2, com Robert Downey Jr. no papel principal, "Rei Arthur" e "Alladin". Em seu novo filme, "Infiltrado", Guy Ritchie volta às origens: é alucinante e cheio de reviravoltas no roteiro — a ação é tão intensa que nem há espaço para os diálogos sobre cultura pop.

Na volta ao estilo que tornou famoso, Ritchie contou com a retomada da parceria com um ator que iniciou a carreira justamente em seu filme de estreia: Jason Statham. Ele é "H", um chefão misterioso que se infiltra em uma empresa de carros-fortes para descobrir o responsável pela morte de seu filho. Statham revelou que as cenas de ação contaram com um elemento surpresa: o improviso. "Ensaios são essenciais para que ninguém se machuque, mas esse não era um filme que podia ser coreografado. Quando a ação se desenrola, ela é visceral e expressiva", afirmou. Sobre a participação especial do rapper Post Malone, o ator brinca: "ele me convidou para compor uma música, mas eu o salvei dessa péssima ideia".

A produção estreou em primeiro lugar nas bilheterias americanas e já arrecadou mais de US$ 100 milhões em todo o mundo — um ótimo número, mas ainda distante de "Era uma vez em Hollywood". O filme mais recente de Tarantino já faturou mais de US$ 300 milhões. ■

RETOMADA
Guy Ritchie: o "Tarantino" britânico está de volta

FOTOS: CHRISTOPHER RAPHAEL/MGM PICTURES INC; DIVULGAÇÃO

Mano a mano

Os rappers **Mano Brown** e **Emicida**, dois ídolos da música brasileira, trocam os palcos pelas entrevistas e estreiam como apresentadores de programas no streaming e na TV

Felipe Machado

As vozes dos artistas negros nunca foram tão ouvidas no País, mas agora chegou a vez de escutá-los também fora dos palcos. Dois ídolos da nova geração, os rappers Mano Brown, dos Racionais, e Emicida estreiam como apresentadores de programas de entrevistas sob a mesma inspiração: contar histórias do ponto de vista da cultura negra. Mano Brown terá um podcast no Spotify; Emicida, um programa de TV na GNT.

Mano Brown explicou que a ideia para o podcast "Mano a Mano" surgiu com a pandemia, quando os shows foram interrompidos e o cantor teve tempo para estudar assuntos que sempre o interessaram, a exemplo de política, religião e teologia. "Como rapper, sempre coloquei minhas ideias no papel. Agora quero ouvir outras visões de mundo", diz Brown. Na primeira temporada, cujos episódios vão ao ar às quintas-feiras, o líder dos Racionais receberá a cantora Karol Conká, o pastor Henrique Vieira, o médico Drauzio Varella, o técnico de futebol Vanderlei Luxemburgo e o vereador Fernando Holiday. Ao reunir personalidades de áreas diversas, Brown quer ampliar o público. "As pessoas estão cansadas das mesmas ideias, estamos estagnados. Quero fugir dos velhos conceitos ultrapassados que tentam se passar como novos." Mano Brown diz que, apesar do tom mais voltado para o entretenimento, terá a liberdade para falar de coisas sérias. "Com o Drauzio Varella, por exemplo, conversei sobre temas que eu queria ter perguntado para o meu pai, que eu não cheguei a conhecer", explica. O conteúdo ficará a cargo das produtoras MugShot e Boogie Naipe.

ENIGMA HISTÓRICO

O programa de Emicida tem um nome misterioso: "O Enigma da Energia Escura". O artista, que está em Portugal para palestras na renomada Universidade de Coimbra, diz que a inspiração veio da astrofísica, tema que tem lhe interessado nos últimos tempos. Criado em parceria com seu irmão, o produtor Evandro Fióti, o programa será exibido pelo canal GNT às quartas-feiras, às 23h30, e também estará disponível no Globoplay.

"A ilusão de conhecimento é a maior inimiga dele. A falsa sensação de que já sabemos tudo nos impossibilita de avançar", diz Emicida. Assim como no podcast de Brown, sua equipe é formada, sobretudo, por profissionais negros. Pesquisa da Ancine revelou que apenas 2,5% de diretores e roteiristas brasileiros são negros - número bem distante dos 56% que compõem a população brasileira, segundo o IBGE. "Queremos romper com esses padrões. Produzido pelo Laboratório Fantasma, o programa já nasce histórico: nunca houve na TV brasileira uma série dirigida por três profissionais negros". diz ele. Entre os entrevistados estão o economista Helio Santos, a cantora Margareth Menezes, a psicóloga Lia Vainer, a professora Thula Pires; a pesquisadora Flavia Rios e o rapper Winnit. Agora, mais do que nunca, vozes negras importam. ■

MICROFONES Mano Brown *(esq.)* e Emicida: histórias sob o ponto de vista da cultura negra

"Como rapper, sempre coloquei minhas ideias no papel. Agora quero ouvir outras visões de mundo"

Mano Brown, vocalista dos Racionais e anfitrião do podcast "Mano a Mano"

FOTOS: PEDRO DIMITROW; REPRODUÇÃO

GLOBAL
Alok: fama global e consciência social

ELETRÔNICA

Alok: disque '180' para salvar

DJ brasileiro de fama internacional lança funk contra a violência de gênero para levar a mensagem aos jovens da periferia

Já faz um bom tempo que Alok não pode mais ser considerado um músico brasileiro — é um artista global. Apontado pela revista britânica DJ Mag como um dos cinco melhores DJs do planeta em 2020, o goiano de 29 anos chega ao auge da carreira com o lançamento de uma colaboração com o americano John Legend, um dos maiores cantores da atualidade. No single "In My Mind", Alok conta que teve que se adaptar ao estilo romântico do novo parceiro: "Desacelerei minhas batidas para encontrar um ritmo no meio do caminho". Como tem sido constante em sua carreira, Alok aproveita a atenção gerada pelo novo trabalho para divulgar uma causa urgente: a violência contra as mulheres. Depois de gravar com MC Hariel a canção "Ilusão (Cracolândia)", sua primeira letra com engajamento social, a dupla anunciou o lançamento de "180". "O telefone para denúncia é o próprio título da música, assim as pessoas não vão esquecer", diz Alok. O videoclipe terá a participação da ex-modelo Luiza Brunet, que foi vítima de violência doméstica: "É importante abordar o assunto em um funk, porque o ritmo leva a mensagem para a periferia, onde o problema é muito presente." Se depender da audiência do seu funk anterior, "180" será um sucesso: "Ilusão (Cracolândia)" já foi ouvida mais de 100 milhões de vezes no streaming.

Inspiração indígena

A primeira vez em que Alok se interessou pelos povos indígenas foi em 2015, quando esteve por três dias na aldeia da etnia Yawanawá e saiu de lá com uma canção homônima em homenagem a ela. Agora o projeto é mais ambicioso: o DJ passou um mês no Acre gravando melodias e ritmos *(foto)* tradicionais de doze povos. Além das músicas, que darão origem ao seu primeiro álbum autoral, a experiência foi filmada e vai se tornar uma série documental — com renda revertida para os índios.

PARA LER

Em **"Detalhe Menor"**, o exército isrelense ataca um grupo de beduínos e captura uma adolescente, que depois é violentada. Nascida na Palestina, a ótima escritora Adania Shibli tem a prosa árida e seca como um deserto.

PARA VER

Na série **"Clickbait"**, da Netflix, Nick Brewer parece ser um ótimo pai de família — até o dia em que ele some. E reaparece na internet, com um cartaz: "eu abuso de mulheres. Quando esse vídeo atingir cinco milhões de visualizações, morrerei." Suspense de primeira.

PARA OUVIR

Duas décadas após a parceria em "Smooth", uma das músicas mais tocadas de todos os tempos, o guitarrista mexicano **Carlos Santana** e o cantor americano Rob Thomas voltam ao mesmo estúdio: "Move", lançada agora, promete repetir o sucesso.

FOTOS: DIVULGAÇÃO; REPRODUÇÃO

por Felipe Machado

MÚSICA

Charlie Watts, uma lenda do rock

"Você fez um homem crescido chorar", diz a letra de "Start me Up", sucesso dos **Rolling Stones** lançado no álbum "Tattoo You", há quarenta anos. Pois esse trecho da canção nunca fez tanto sentido quanto na semana passada, quando o mundo do rock deu adeus ao baterista Charlie Watts, de 80 anos. Junto com o vocalista Mick Jagger e o guitarrista Keith Richards, ele fundou a maior banda de rock do planeta, um grupo que acabara de anunciar uma nova turnê após 59 anos de carreira. Charlie Watts morreu em um hospital de Londres, ao lado da família. A repercussão foi imediata: de Paul McCartney a Elton John, músicos foram às redes sociais para prestar homenagens. Apesar de ser uma lenda do rock, Watts gostava mesmo era de jazz. Costumava citar Elvin Jones e Roy Hanes entre suas influências, assim como Tony Williams, que tocava com Miles Davis. Watts também ficou famoso por ser um roqueiro diferente do padrão. Ao contrário de seus colegas de banda, famosos pela vida de *rockstars*, Watts era casado desde 1964 com a mesma mulher, Shirley Ann Shepherd. Seu estilo elegante dava a impressão de que era o empresário da banda: estava sempre vestido de maneira impecável. Perdeu a compostura poucas vezes. Em uma delas, ao ser chamado de "meu baterista" por Mick Jagger, deu-lhe um soco e o alertou: "nunca me chame de 'seu baterista'. Você é que é meu vocalista". No início da semana, antes de sua morte, os Rolling Stones anunciaram o relançamento do álbum "Tattoo You". A nova versão traz nove faixas inéditas e um disco extra ao vivo, gravado na época. A melhor música do álbum, no entanto, continua a mesma: "Start me Up". A partir de agora, ouvir Mick Jagger cantando "você fez um homem crescido chorar" terá um efeito diferente sobre milhões de fãs em todo o mundo.

ROCKSTARS Ron Wood, Mick Jagger, Keith Richards e Charlie Watts: a maior banda de rock do planeta há quase 60 anos

STREAMING

Star+ chega com séries e filmes

Em 31/8, chega ao Brasil **uma nova plataforma**: a Star+, da Disney, vai exibir conteúdo esportivo e entretenimento. Entre os destaques estão a série original "Only Murders in the Building" *(foto)*, com Selena Gomez, Steve Martin e Martin Short, e as temporadas de "Os Simpsons" e "Walking Dead". Os fãs de esporte poderão curtir a Copa Libertadores e os campeonatos da NBA e MMA. Estarão disponíveis ainda as produções brasileiras "Impuros", "Insânia" e "O Rei da TV", sobre Silvio Santos.

CINEMA

Super-heroi asiático da Marvel

A Marvel se rendeu ao poder da China: em 2/9 chega às telas **"Shang-Chi e a Lenda dos Dez Anéis"**, primeira produção do estúdio a contar com um super-heroi asiático, assim como a maioria do elenco: Simu Liu (Shang-Chi), Tony Leung (Wenwu) e Michelle Yeoh (Ying Nan). O filme conta a história de um jovem treinado na infância pela organização "Dez Anéis", que se volta contra a família quando descobre quem é seu verdadeiro pai. A direção é de Destin Cretton.

por Mentor Neto

Escritor e cronista

BASEADO NUMA HISTÓRIA SURREAL

Ele tinha 15 anos. Morava numa pequena cidade perto de Porto Alegre, de onde nunca saiu.

Garoto simples, filho de gente da roça, boa e ingênua.

Sua única conexão com o mundo exterior era a internet.

Passava horas nas redes sociais, principalmente Instagram, TikTok e WhatsApp. O WhatsApp não é exatamente uma rede social, mas vocês entenderam.

Na internet, ele podia ser qualquer pessoa e superar sua enorme timidez. Ela tinha 15 anos. Morava em São Paulo, Capital. Já viajou para mais países do que pode lembrar.

É filha de um casal de classe média alta.

Como ele, passa horas nas redes sociais. Apesar de inteligente e educada, também sofre com a timidez.

Timidez é um traço comum nessa idade. Se conheceram no Instagram, numa foto que ele postou de uma vaca parindo.

Ela nunca tinha visto uma vaca parir.

Ali começou a relação dos dois. Nos primeiros meses ele curtia e comentava todas as fotos que ela publicava. Ela idem.

Passaram para mensagens privadas, dentro do próprio aplicativo.

Foi ele quem sugeriu que fossem para o WhatsApp, a evolução de qualquer romance moderno.

Conversaram por dois anos. Dois. Anos. Texto e áudio.

Nunca fizeram uma única chamada de vídeo. A timidez não permitia a nenhum dos dois nem ao menos sugerir.

Ele queria muito conhecê-la. Ela também.

Mas o pai dela não deixaria que a filha viajasse para o fim do mundo no Rio Grande do Sul para conhecer um sujeito que conheceu na Internet. Não adiantava nem pedir.

Ele é que teria que vir a São Paulo.

Mas ele não tinha dinheiro. Nem sabia direito como pegar um ônibus para outro estado.

Pelas dúvidas, foi juntando o dinheiro que recebia em um ou outro trabalho que fazia para ajudar o pai.

Pesquisou a passagem de ônibus para São Paulo.

Só tinha dinheiro para a ida, mas ela prometeu que compraria a da volta, mesmo porque, não sabiam quanto tempo ele iria ficar.

Ela disse que tinha falado com o pai e ele autorizou o garoto a ficar na casa deles, claro que em quartos separados.

O dia chegou. Ele pegou um ônibus para Porto Alegre e de lá para São Paulo.

Conversaram a viagem toda, os dois, pelo WhatsApp.

Texto e áudio. Ela mandou fotos do quarto onde ele ficaria.

A Rodoviária de São Paulo intimida quem é de cidade pequena.

Nem bem saiu do ônibus, o garoto mandou uma mensagem pra ela, avisando que tinha chegado.

Pediu o endereço direitinho. Ela não respondeu.

Ele mandou mais uma mensagem. Nada.

Ele não sabia bem o que fazer. Então esperou.

Quando mandou a terceira mensagem, já não havia mais foto dela no perfil do WhatsApp. Ela tinha bloqueado o garoto.

Por três dias ele dormiu na rodoviária, sem dinheiro nem para comer.

Um policial militar soube da história do menino.

Poderia tê-lo levado ao Conselho Tutelar, mas não.

Preferiu fazer uma vaquinha com outros policiais e comprou sua passagem de volta. A menina nunca mais apareceu.

É como se o País inteiro estivesse em uma rodoviária, desorientado e sem dinheiro para a passagem de volta

Na internet, catfish é quando alguém se faz passar por outra pessoa.

Foi isso que aconteceu. Catfish.

Não foi um golpe. Ela não se beneficiou em nada.

Foi apenas maldade.

Essa semana, em um artigo de O Globo, Bolsonaro foi comparado ao Talibã.

Apesar das semelhanças com o radicalismo, misoginia, homofobia, autoritarismo, o Talibã tem lá sua ideologia e é um movimento organizado.

Não é o caso do nosso presidente.

Bolsonaro e seu séquito de fanfarrões inexpressivos odeiam sem ideologia nenhuma.

Odeiam apenas por maldade.

Como a menina de São Paulo.

E como o garoto do Rio Grande do Sul, milhões de eleitores embarcaram na viagem para a qual o presidente os convidou.

Hoje estamos todos numa rodoviária, sem dinheiro para passagem de volta.

Bolsonaro não é nosso Talibã.

Bolsonaro é nosso catfish.